



# Capa e Batina

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



## Editorial

### OS PORTUGUESES E A CONSTRUÇÃO DO BRASIL

#### - Síntese da Conferência proferida no dia do VIII Aniversário da Associação

Em 22 de Abril de 1500 a armada comandada por Pedro Álvares Cabral arribou a uma terra desconhecida a oeste do Atlântico. Nem sequer se sabia se se estava em uma ilha ou em terra firme. Chamou-se-lhe Vera Cruz. Terra povoada por gente estranha, nua, que falava uma língua totalmente desconhecida, que não parecia ter quaisquer pontos comuns com os portugueses que aí chegavam. E nada de especial se via que valesse a pena trocar.

Mas a Terra de Santa Cruz (assim depois se designara) pouco poderia dar de imediato. E por isso foi lenta a ida de portugueses para a terra que entretanto, e pela madeira de pau-de-tinta denominada brasil, de Brasil tomou o nome. Lentamente porém, alguns começam a fixar-se, são mandadas armadas para fiscalizar as costas que outros europeus se mostravam interessados em colonizar.

Só a partir de 1534 a ocupação é decidida, e começa a organizar-se. Em especial em 1549 com o estabelecimento de um governo-geral, delegado pelo rei D. João III. Que tem que combater os franceses, fundar cidades e erguer fortalezas para defesa do território. Acção em que se destaca Mem de Sá, coimbrão de nascimento, irmão de Francisco de Sá de Miranda. A cana-de-açúcar dá bons lucros, vê-se. O que mais tarde levará os holandeses a conquistar Pernambuco (1630). Onde conseguem recuperar (1654).

Colónia de exploração agrícola, onde finalmente nos fins do século XVII se consegue achar ouro. Depois de muita buscada, era a grande riqueza que se adivinhava. Rejubila o rei de Portugal, a aristocracia, a Igreja, os que para lá conseguem emigrar, enfim, quantos puderam aproximar-se dessa fortuna. E o Brasil passa a estar no centro das atenções dos portugueses. O diplomata D. Luís da Cunha propõe que a capital do império seja transferida de Lisboa para o Rio de Janeiro (1736). O que se frustra por então.

Mas a organização do território, que tinha sido feita um pouco ao acaso das necessidades, vai ser retomada. Com o Marquês de Pombal se prepara um diferente Brasil, capaz de contribuir de modo significativo para a riqueza comum. Expulsam-se os jesuítas, libertam-se os índios. Reforma-se a Universidade de Coimbra que vai preparar a gente necessária para enquadrar o território: magistrados, geógrafos, naturalistas. Procura-se conhecer e dominar o todo do território. Brasileiros natos assumem cargos de elevado prestígio entre os servidores da Coroa: assim D. Francisco de Lemos, reitor-reformador e José Bonifácio de Andrada e Silva, lente de mineralogia. Muitos são os estudantes do Brasil em Coimbra.

Mas a tormenta napoleónica assola a Europa. E o perigo de a Família Real ser apanhada na voragem da mudança de tronos obriga a Corte a ir para o Brasil (1808). E agora os antigos habitantes da colónia passam a estar perto da Corte e do Rei. A proclamação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves vai tornar irremediáveis os propósitos de independência. O que ocorre em 1822, pela mão do príncipe D. Pedro, herdeiro do trono português. Que continua a política anterior de salvaguarda da unidade do território. Onde se fala Português, onde permanece uma forte presença portuguesa.

Política de unidade que resistiu aos regimes políticos. Um quase-continente manteve-se sob uma mesma soberania. Êxito político que muito importa realçar. Porque o contrário, ao lado, ocorreu com as possessões americanas da Espanha. Por isso hoje o Brasil é o único espaço criado pelos portugueses na América, enquanto a América espanhola a muitos Estados deu lugar. O gigante brasileiro permaneceu, estabilizou, cresceu. Para nos honrar por o termos sabido construir.

*Joaquim Romero Magalhães*

(Comissário-Geral para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses)

# VIII Aniversário da Associação

Mais uma vez, no passado dia 8 de Abril, a nossa Associação festejou o seu nascimento. Não fossem as intempéries, e certamente que a mais “utópica” das Associações ter-nos-ia proporcionado um dia particularmente singular!

Como sempre, os fervorosos Antigos Estudantes de Coimbra, *para quem o tempo não apagou as marcas da cultura nem o sabor dos sonhos*, não deixaram de responder à chamada e comparecer, desta vez, no Instituto dos Altos Estudos Militares, *acreditando que vale a pena viver em “Amor, Amor e mais nada”!*

Efectivamente, só um grande amor à cultura, uma profunda vivência Coimbrã e uma sólida cumplicidade de todos aqueles que retêm as imagens da “Velha” Coimbra podem criar novos laços e estreitar os elos da corrente que a todos une.

Voltando ao “Aniversário da Associação”, importará realçar o brilhantismo da palestra com que nos presenteou o Senhor Professor Doutor Romero de Magalhães, Comissário-Geral para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, que, de forma clara e inteligente, soube transmitir-nos novas certezas e afastar muitas dúvidas sobre os 500 anos da “Descoberta” do Brasil.

Não fossem os compromissos de última hora, e certamente que toda aquela numerosa audiência continuaria a “sorver”, palavra por palavra, tão meritórios conhecimentos no debate animado e interessado que se seguiu.

Mas, da exposição do Senhor Professor Doutor Romero de Magalhães, afigura-se poder reter, fundamentalmente, quatro pontos:

1. O Direito Administrativo estudado, elaborado e aplicado internamente foi transportado para o Brasil e aí implementado em sistema de capitánias;
2. Para o Brasil seguia a “élite” cultural e burocrática formada em Coimbra, dotando aquele imenso território de uma organização semelhante à experimentada no “Velho

Continente”;

3. Embora com algum sentido de humor e ironia, o Senhor Professor Doutor Romero de Magalhães não deixou de salientar a capacidade de procriação dos portugueses, tão ávidos estavam eles da necessidade de povoar aquele imenso território ...

É quase para dizer que, se as vias de comunicação e os meios de transporte de então fossem semelhantes aos actuais, sem dúvida que teríamos hoje índios, negros e toda a espécie humana a reclamar a herança do seu progenitor, trinta vezes multiplicado, longe do reino ...;

4. Finalmente, ainda que em traços largos, foi-nos descrita a cultura única do Brasil, resultante da mistura de várias raças e várias culturas que, desde então, se cruzaram e entrelaçaram, fazendo com que o Brasil seja visto e considerado como um país diferente e complexo.

Depois, ainda houve alguns momentos de grande “beleza”: recitando Coimbra com profunda emoção e fervor, Ilda Pedroso e Francisco de Vasconcelos souberam transmitir o calor das suas declamações, veiculando, a cada um e a todos, aquela poesia cultivada e sorvida debaixo dos plátanos da Av. de Sá da Bandeira, nos choupos, no Penedo da Saudade e até no Jardim de Santa Cruz.

Quem passou por Coimbra não pode viver alheio à magia do poema pelo coração e Ilda Pedroso fez-nos sentir quão belos são os poemas de Florbela Espanca, de Manuel Alegre e de outros; e o Francisco de Vasconcelos transmitiu-nos a alma que impregnou em poemas de sua autoria e toda a profundidade da poesia de Almada Negreiros.

Finalmente, esperavam-nos momentos de especial “magia”: era o momento único em que, pela primeira vez, o “*Porta Férrea*” e o “*Grupo dos Juristas*” formaram um só grupo para nos brindarem com as suas “guitarradas” e “cantares”, revivendo-se a vida de estudante, a inocência das capas e das musas que os inspiram, sem protagonismos ou vaidade, mas sempre com a

humildade de quem, verdadeiramente, tem no coração o Mondego. Foi maravilhoso! Não só cantaram para todos nós, como, sobretudo, encantaram-nos pela forma como conseguiram, num improviso de última hora, confundir os cantos, as vozes, as violas e as guitarras, elevando-se de si próprios para atingirem um admirável clamor de fraternidade.

Um bem haja à nossa Associação e a esperança de uma longa vida para que Coimbra continue bem viva em todos nós!

*Maria de Lourdes Castelo Branco*

#### NOTA DA DIRECÇÃO

Foi, na verdade, um dia rico de cultura e de sã alegria por parte dos 115 “aniversariantes”, de altruísmo por parte dos que sabem o que isso é.

Cantaram, em uníssono (e até em “duo”), Arménio Marques dos Santos, Rodrigues Rocha, Nascimento Ferreira, Alcindo Costa e Sutil Roque, ao som das guitarras de Carlos Couceiro, Teotónio Xavier, Lopes de Almeida e David Leandro e das violas de António Toscano e Levi Batista, soando como saído de apenas uma guitarra e uma viola.



A ensombrá-lo, não a comprovada ausência de um “Santo” Pedro académico (quase em vias de saneamento, se não arrepiar o caminho da chuva nos nossos eventos), mas a falta do nosso querido Presidente da Assembleia Geral, assim relevada:

#### “BREVE MENSAGEM AOS MEUS QUERIDOS AMIGOS E CONFRADES DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

*Queridos Amigos:*

*Impossibilitado de estar hoje aí convosco, em razão de uma deslocação ao Norte (“agenda oblige”) venho enviar-vos uma breve mensagem de felicitações pela passagem de mais um aniversário da nossa Associação.*

*Com a passagem do tempo, os antigos estudantes ficam mais antigos, isto é, mais maduros. Tirando esse pequeno incómodo, a nossa Associação está cada vez mais jovem e cheia de força. Ele há contradições!...*

*Uma nova sede, construída por nós de raiz, com finalidades de previdência na velhice, agregadas, é agora mais do que uma esperança, mesmo tendo em conta a nossa propensão para abusar do sonho.*

*E a actual, em termos financeiros, é desde já um sólido ponto de partida.*

*Tudo isso se deve ao dinamismo da actual Direcção, que felicito na pessoa da incansável Fátima Lencastre.*

*Que energia! Explorada industrialmente, poupava muito crude! Tenho muita pena de perder a lição do Prof. Romero de Magalhães. Perco, bem o sei, uma excelente ocasião para ser leccionado, coisa de que sempre gostei e ainda gosto.*

*Se o texto da sua conferência for escrito, exijo, sob pena de corte de relações, o conhecimento dele.*

*Abraços a todos. Que gozeis um dia alegre e feliz. Com as cordas instrumentais e vocais bem afinadinhas!*

Vosso

*António de Almeida Santos”*

# SARAU - "Coimbra Em Lisboa"

Tardava já conjugar esforços com vista a despertar o público de Lisboa para a enorme riqueza da cultura de Coimbra e o alto prestígio da sua vetusta Universidade.

E fazê-lo em força, porque Coimbra é em si mesma uma Força! Advém-lhe esta do espírito de fraternidade que, servindo de substrato à sua Academia, perdura para toda a vida, nascido e robustecido como é na ligação entre o antigo e actual estudante, sejam quais sejam os tempos e as vontades. E também, com igual peso, da aderência incondicional da população circundante, não só aos valores que a sua Universidade cultiva e esparge, como ainda à tradição, quando salutar, com que se solidariza numa simbiose a todos os títulos única e paradigmática.

Assim o sentiu, de há muito, a nossa Associação, ensaiando combates ao alheamento ou mesmo desprimor a que, por vezes, é votada a Cultura coimbrã, através da sua difusão em directo no programa "Tardes de Telefonía" da RDP- Antena 1, com a frequência possível; da intervenção no programa das "Comemorações do Dia de Portugal no 10 de Junho de 1998"; e da participação na animação promovida pelo "Pavilhão de Portugal da Expo'98".

Até que chegou o momento de promover um Espectáculo tão abrangente quanto o permitissem os naturais condicionamentos de

qualquer espectáculo público, lançando mão de arautos dessa cultura e testemunhos desse prestígio que mais conhecidos fossem da população lisboeta, afinal sua destinatária - o que se impunha, por razões óbvias, defendidas e aceites por todos os que apenas pretendiam torná-lo apelativo.

População que ouviu este chamamento, em cartazes oferecidos pela Câmara Municipal de Lisboa, nos canais difusores da RDP-Antena 1, da Rádio Renascença, acorrendo em número que excedeu as melhores expectativas (estimado em cerca de 500 "lisboetas" em sã convivência com outros tantos coimbrões...) ou assistindo em casa a uma notícia (embora curta, mas finalmente notícia!) dada pela RTP-Canal 1, que fez a reportagem do espectáculo.

Assistiu-nos também o caloroso acolhimento da Reitoria da Universidade de Lisboa, que abriu as portas e o palco da *Aula Magna* e disponibilizou a colaboração do Gabinete de Actividades Culturais e outros serviços, partilhando o seu Magnífico Reitor com o nosso (também) Magnífico Reitor a égide académica deste evento.

Foi um dar de mãos desinteressado, sem protagonismos ou reservas de qualquer ordem por parte de todos quantos contribuíram - e a quem prestamos, aqui e sempre, o merecido preito - para o êxito deste primeiro passo na

proclamação pública, em vozes altas e belas, de que Coimbra também é de Portugal!

Nesse êxito estiveram também presentes, numa intenção incondicional, os nossos Colegas Almeida Santos e Manuel Alegre, a quem a falta de saúde de última (íssima) hora impediu de participarem de viva voz, como tinham anunciado.

Mas ... nada mais esclarecedor que o relato deste Sarau memorável por quem fez a sua apresentação, com a sobriedade que lhe é peculiar, aliada à competência profissional que todos lhe reconhecem; e nada mais isento e credível que os qualificados testemunhos que se registam, neste meio de excelência, para toda a posteridade académica:

## "COIMBRA EM LISBOA"

*... A 10 de Março de 1985, em Lisboa, num espectáculo de homenagem ao poeta João de Deus no Teatro D. Maria, Augusto Hilário confirmou o prestígio que Coimbra lhe tinha conferido. Perante o autor de "Campo de Flores" e uma calorosa assistência, Hilário obteve a sua consagração e a do Fado ou Canção de Coimbra.*

*O sarau académico "Coimbra em Lisboa" de 27 de Novembro último abriu com este apelo à memória porque na embaixada artística de Coimbra seguia "Malta" jovem susceptível de*

cometer feitos como o do viseense Hilário. Pretendeu-se também com esta memoriosa incursão, na abertura, cunhar o imponente significado que apresentam Lisboa, a Aula Magna e os colegas da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

O espectáculo teve o seu início com um emblema cultural consagradíssimo: o Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra sob a direcção do Maestro Augusto Mesquita. Antigos Orfeonistas que revelaram, nos seus cantos, a arte, o belo, a fraternidade e a solidariedade, aspectos sempre desencadeados pelo imorredoiro espírito académico de Coimbra.

Cruzando gerações e áreas diversas, evocou-se, ao longo do espectáculo, Coimbra e a nossa Universidade em facetas múltiplas. Reafirmou-se o prestígio da "Escola" que faz escola. A excelência que é objectivo constante. A Coimbra com o epíteto de Capital ou Cidade da Saúde. A Coimbra berço da escrita diarística de Torga ou da poética de Manuel Alegre. E Carlos Carranca presentificou Alegre "narrando" com efectiva afectividade a escrita premiada do autor de "Praça da Canção".

Por Coimbra, cabeça e coração de Portugal, passaram quase todos os principais escritores portugueses. E os principais cientistas e investigadores. E os principais protagonistas da vida pública portuguesa.

O decano dos jornalistas portugueses, Fernando Pessa, também passou por Coimbra e deixou em registo magnético o seu depoimento sobre a sua vivência coimbrã, o qual foi "publicado" na Aula Magna perante audiência emocionada. Pela palavra abreviada falou-se também da Queima, da Tomada da Bastilha, da Recepção ao Caloiro, das horas de estudo, da Sebenta... e do "resto"... esse "resto" que completava os apontamentos das aulas.

Houve também tempo para lembrar que a Academia de Coimbra se auto-intitula de "BRIOSIA" e que no futebol encontra o mais amplo distraçar de capa e a maior projecção.

O Dr. Jorge Santos, "ponta-de-lança" da BRIOSA, em incontido fervor; relatou a sua paixão - a sempiterna paixão de todos nós - pela Associação Académica. A Estudantina Universitária, na irreverência, comicidade e jovialidade dos seus cantos, também encantou a Aula-Magna. A Orxestra Pitagórica, menos comedida e menos vestida, provocou salutarmente a assistência que lhe concedeu apoteótica recepção.

O TEUC - Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra - fundado em 38 - demonstrou que vai mais longe do que os "textos vicentinos". Neusa Dias, Rui Pedro e Tânia Pereira colocaram "Poetas em Palco", indiciando rupturas com o "dejà-vu", porque Coimbra reproduz-se para fora em

saudade e também pela excelência da sua produção cultural, académica, científica, social. E pela inovação.

A magia de Coimbra convidou a "outra" magia de um académico de sempre e ilusionista "benfeitor": Jorge Condorcet a atravessar as filas da assistência.

E a apoteose passou, no final, pela Serenata. E pelas variações de Jorge Tuna e Durval Moreirinhas que, em inspiração tuniana, nos levaram em digressão sentimental à Ladeira das Alpenduradas.

Depois, as vozes apreciadíssimas de Luiz Goes, Camacho Vieira e Sutil Roque completaram as sonoridades das violas de Zé Tito Mackay e Levy Baptista e das guitarras de Alexandre Bateiras e João Moura. O fado de Coimbra é tão bonito que não precisa de ser aplaudido, mas dentro da imponência da Aula Magna o fado e o público envolveram-se numa sentida comunhão e os aplausos mitigaram saudades e traduziram especial apreço.

Permitam-nos deixar para o final uma referência à inspiradora deste "alinhamento de espectáculo" ou se preferirem desta sinopse: a Dr.<sup>a</sup> Fátima Lencastre, Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa que nos contagiou com o seu dinamismo e academismo. Esteve em palco na sua qualidade de anfitriã na abertura

deste Sarau Académico. Agradeceu presenças, cumprimentou convidados e protagonizou pelo que disse e pelo (muito) que fez o verdadeiro "Espírito de Coimbra". Por isso lançamos pela Dr.ª Fátima, pela Associação, pelos participantes no espectáculo, pelo público presente, por Coimbra e por Lisboa, um vibrante F.R.A! Com calor e ganança.

E saia outro F.R.A! pelo próximo Sarau.

*Sansão Coelho*

Seguem-se os testemunhos dos Magníficos Reitores:

"Teatro, prestidigitação e depoimentos intercalaram com muita e boa música coral e popular, mas também com alguma música típica coimbrã, culminando com uma impressionante serenata.

Foi a alma de Coimbra que se abriu em Lisboa naquela noite de 27 de Novembro de 1999. Para uns, tratou-se da abertura de algo já conhecido que significou um reencontro; para outros, foi a exibição de algo de novo, de algo nunca visto, mas talvez levemente imaginado. Para muitos outros, todavia, tratou-se de um abraço apertado entre duas Academias que tanto têm em comum. E este abraço, foi, sem dúvida, o mais importante de tudo o que aconteceu nesse palco simbólico que é a Aula Magna da Universidade de Lisboa.

Coimbra mostrou-se a Lisboa e os dois Reitores estavam lá, tal como muitos antigos estudantes

de uma e de outra Universidade. O passado e o presente das duas Academias entrelaçaram-se através da Arte e da Emoção graças a um belo grupo de antigos e actuais estudantes de Coimbra."

*Fernando Rebelo*

"A Universidade não são apenas os espaços físicos e as aulas que pontuam um período inicial de formação superior. Ela é, e tem de ser cada vez mais, uma comunidade alargada em que se cultivam os saberes e se promove a sua irradiação social.

Construir a Universidade como comunidade efectiva supõe, por isso também, a tomada a cargo, colectiva, dos laços científicos, cívicos, afectivos, que ligam entre si e com ela todos os membros que a integram, pelas suas experiências passadas, pelo seu trabalho presente, pela comungada participação e interesse nas suas diversificadas actividades.

Com o brilhante Sarau "Coimbra em Lisboa", deu a Universidade de Coimbra um vivo testemunho mais de como interpreta e realiza esta encarnação do espírito académico.

Foi com grande prazer e emoção que a Universidade de Lisboa se associou a este evento, marcante no estreitamento das relações de cooperação entre as nossas instituições."

*José Barata Moura*

... e o depoimento do Presidente da Secção de Fado da

Associação Académica de Coimbra:

"Um dia disseram-me que em Coimbra se respira tradição, estou certo que não me enganaram, mas pecaram pelo facto de omitir um sentimento que só é reconhecido e sentido por quem lá passou, a SAUDADE.

Foi esse sentimento que se viveu e sentiu no passado mês de Novembro. Tendo por palco a Aula Magna, antigos e actuais estudantes de Coimbra mostraram à cidade de Lisboa o porquê de se realizar um espectáculo desta envergadura, onde diferentes gerações de estudantes se uniram numa só voz e mostraram em Lisboa a riqueza duma Academia.

Para nós, que ainda estudamos, é evidente que sentimos mais de perto o que ela tem para nos oferecer. Em Lisboa ficou patente que Coimbra estará sempre connosco e que o "encanto", afinal, não está na "despedida", mas sim no recordar dos anos que se viveram na Cidade que para sempre ficará nos nossos corações.

Um grande F.R.A para a Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e para as outras Associações de Antigos Estudantes de Coimbra espalhadas pelo país e pelo mundo inteiro, porque melhor que recordar no nosso íntimo é podê-lo fazer com todos aqueles que por lá passaram ...

Obrigado Coimbra, até sempre.

*Nuno Mendes*

## Os Nossos Poetas

## É URGENTE

1. *Pois sabemos o que é URGENTE!  
E bem sabemos que URGENTE é o HOMEM!  
Como URGENTE é não adiar o teu corpo de boje  
para amanhã . . .  
Pois é na Primavera que desponta o trigo  
E azedo é o mosto das vindimas retardadas*
2. *É URGENTE que a TOLERÂNCIA  
Seja a primeira a estar presente  
Nos termos de cada confronto! ...*
3. *É URGENTE cansar os cavalos  
Que puxam forças de muitos  
Para ,significado de poucos ...*
4. *É URGENTE que o amor  
Fique depois do amor ...  
... E onde os filhos cresçam a falar de BONDADE*
5. *É URGENTE abolir a guerra  
E decretar a paz  
Não nos panfletos e nas palavras  
Mas com mãos estendidas de armas no chão! ...*
6. *É URGENTE não produzir mais  
Do que deve retirar-se do celeiro  
Senão na previsão do inesperado ...  
Para não cansar o futuro  
Que será dos outros ...*
7. *É URGENTE concluir a alegria das crianças*
8. *Despidos os corpos  
É URGENTE que das mãos transborde Ternura!*
9. *Como regato cristalino  
Que deixa ver os seixos  
É URGENTE a VERDADE  
Para que os Homens se entendam  
Por dentro! ...*
10. *É URGENTE que o Homem não seja multidão  
Senão depois de ter aprendido a apontar-se  
No silêncio do lazer merecido ...*
11. *É URGENTE consertar o telhado da casa  
Não apenas para abrigar o pão e a ternura  
Mas para aceitar também as andorinhas  
Embora se lhes peça que não cheguem  
antecipadamente! ...*
12. *É URGENTE a abolição do Medo! ...*
13. *É URGENTE a JUSTIÇA  
Mas de olhos desvendados  
Pondo na balança a certeza  
De que o Homem há-de  
Sobrepujar-se ao erro ...*
14. *É URGENTE não dar urgência ao ouro  
Que vai das minas para as caves subterrâneas  
Para que o padrão de troca  
Volte a estar no coração dos Homens! ...*
15. *É URGENTE que a Liberdade  
Ganhe todos os gestos! ...  
Para que a vida saiba a Vida  
E o Homem aprenda, sem bem saber disso,  
A encantar-se a si mesmo! ...*
16. *É URGENTE que a poço fundo  
Regressem todas as crenças! ...  
Que ao Homem as certezas bastam  
Para poder colorir de azul de esperança  
As paisagens futuras! ...*
17. *E É URGENTE,  
Para além de todas as urgências  
Avisar o Homem da MORTE! ...  
Para que aprenda a esquecê-la  
Depois de muito havê-la meditado!*

Carlos Couceiro

# TERTÚLIAS ACADÉMICAS

## I - Recordar Edmundo Bettencourt

### Artur Paredes, D. José Pais de Almeida e Silva

19 de Novembro de 1999 - data da 1ª Tertúlia Académica na nova Sede com o Salão completamente cheio de Sócios e Amigos.

A Direcção, com esta Tertúlia, quis recordar Edmundo de Bettencourt, grande cantor e genial poeta e Artur Paredes, um verdadeiro virtuoso da guitarra, aliando a estes nomes ilustres o do compositor D. José Pais de Almeida e Silva. Os três, se fossem vivos, completariam cem anos.

Fui eu quem iniciou a Tertúlia fazendo, com palavras rimadas, a apresentação dos intervenientes que iriam falar dos homenageados, rematando assim:

*Se não houver,  
por qualquer razão,  
pano para subir,  
terei que dizer então:  
Senhoras e Senhores  
está aberta a Sessão...*

... e a Sessão foi aberta pela nossa convidada a Prof.<sup>a</sup> Dra. Fátima Morna que, falando de Edmundo de Bettencourt - o Poeta - disse:

*“Se a comemoração dos centenários serve para alguma coisa, é sem dúvida para motivar acertos, corrigir - ou coligir - dados, factos, memórias, ou apenas para nós ensinar um certo valor do tempo e das suas marcas. A cem anos da data do seu nascimento, Edmundo de Bettencourt tem hoje, na literatura portuguesa do século XX, um lugar garantido...”*

*“[...] um poeta extremamente exigente para consigo mesmo [...]”*

*“Se a poesia de Bettencourt permite, ainda hoje, depois do prefácio definitivo de Herberto Helder aos seus Poemas, algum comentário global, tecer-se-á, forçosamente, sobre a metáfora do caminho solitário - verdadeiro caminho de poeta insubordinado, afinal - e nisso se resumem, ao mesmo tempo, a incomodidade que gera e a sua grandeza...”*

*“Tocamos, assim, num mesmo movimento, os dois extremos do arco sobre o qual se inscreve a poesia de Bettencourt, sendo o outro, o seu ponto de chegada, a afinidade com o terreno surrealista, traço que lhe foi, posteriormente, apontado e que ninguém desenvolveu de forma tão perfeita como Herberto Helder, no aludido prefácio aos Poemas de 1963. O que nesse texto se constrói para Bettencourt é uma linhagem, da porventura a mais digna*

*e elevada linhagem ocidental, aquela que, arrancando do primeiro romantismo, veio, sucessivamente, corrigindo a subordinação da poesia ao entendimento mais rasteiro da sua condição mimética, levando-a à reivindicação do seu próprio território!”...*

O auditório muito apreciou a rigorosa síntese do tempo e obra de Edmundo de Bettencourt - Poeta feita na dissertação da ilustre interveniente, dispensando-lhe, no final, uma grande ovação.

O Luiz Goes, seguindo-se no uso da palavra à Prof. Fátima Morna e pegando na deixa “Edmundo de Bettencourt - o Poeta”, traçou o perfil de “Edmundo de Bettencourt - o Cantor”. Para além do perfil que descreveu de uma forma brilhante, contou vários episódios que com ele partilhou tanto em Coimbra como em Lisboa. Falou, ainda, de um dos outros homenageados que se distinguiu como Compositor e como autor de inspiradas canções do nosso folclore, o também seu amigo D. José Pais de Almeida e Silva.

O improviso empolgante, feito pelo Luiz Goes, em referência a estes dois nomes, arrebatou os maiores aplausos de uma assistência que o ouviu muito interessada e num silêncio absoluto.

O terceiro interveniente a entrar em cena, mas também dos primeiros pela riqueza do trabalho que apresentou, foi o Carlos Couceiro. Impossível se nos torna, por não dispor o nosso Boletim de espaço suficiente para o publicar na íntegra.

Assim, somos forçados a dar a lume apenas algumas passagens de tão bela lição proferida pelo Couceiro como as que passamos a transcrever:



O Grupo Serenata de Coimbra



*“Artur Paredes nasceu em Coimbra a 10 de Maio de 1899 e morreu em Lisboa a 20 de Dezembro de 1980. E de agora em diante apenas procurarei referir o que, da sua especial personalidade, está ligado à denominada guitarra portuguesa.*

*Quanto mais intento analisar determinadas transposições que se fizeram de salto, já na longa vivência do Homem, mais perplexo fico. Debruço-me em determinados valores que apareceram não sei de onde, nem sei como: os Newton's, os Mozart's, os Einstein's, os DaVinci's, os Maxwell's, e tantos outros, - e pergunto-me como foi possível estes Homens haverem, num determinado instante, contrariado o conceito de “Natura non facit saltum”.*

Com Artur Paredes me sucedeu o mesmo. E desde há muito me pergunto: como foi possível, como foi possível! Como foi possível este Homem - podemos melhor dizer, este génio - transpor barreiras tão altas, com instrumentos tão escassos: apenas mãos e ouvidos! Como foi possível ter agarrado um instrumento fadado a ênfases monocórdicas para nele introduzir, de forma superior, acordes polifásicos! Que ultra-sensibilidade a ele estaria vinculada?”...

E mais adiante diz:

*“Da sua técnica ressalta, com especial relevância, o balanço retirado da dedilhação. Aspecto que tem frutos bem revelados nas composições de seu filho Carlos Paredes e de Jorge Tuna. E refiro ainda Fernando Xavier que, com a utilização dessa mesma técnica, interiorizou temas de alto valor musical e melódico.”*

*“Há contudo coincidências que se revelam como dádivas do céu! E uma delas vai buscar-se à contemporaneidade de Edmundo de Bettencourt, poeta de mérito ligado ao Movimento da PRESENÇA e voz de expressiva tonalidade e timbre.”...*

*“Os seus acompanhamentos, tão harmonizados com as canções e tão afectos à índole dos intérpretes; as suas introduções em ligação tão colaborante e identificada com o restante do contexto, são, em definição insuficiente: Preciosas! Tudo a ficar restringido e envolto num clima único de indefinível harmonia”...*

*“Mas não é apenas na dedilhação que se apoia a genialidade deste renovador da expressão da guitarra. É, também, no seu contributo quanto à evolução da guitarra como instrumento”...*

*“É que Artur Paredes não veio apenas a situar-se no alto da escala como guitarrista e como compositor! A validade da sua polivalência está também intrinsecamente ligada às modificações que vieram a ser introduzidas na guitarra”...*

*“Outro aspecto de singular expressividade que se deve a Artur Paredes é ligada à forma de dedilha-*

*ção que perfeccionou. Dedilhação que utilizava com alguma incidência o batimento duplo de cordas em tempo quase simultâneo. Ele retirava, assim, das harmonias, um sentido agri-doce, muito só seu, e expressivamente ... expressivo. Como criador Artur Paredes vai buscar a este instrumento virtualidades, até então, nunca conseguidas.*

*Acaba por elaborar uma dedilhação lateral com um aproveitamento de todas as cordas e com utilização de todos os dedos da mão direita, em técnica de arpejo, em substituição do aproveitamento de um menor número de cordas, em base linear no sentido da verticalidade da escala!*

*Consegue assim, acordes polivalentes e consegue adequações dissonânticas... só mesmo de Artur Paredes”...*

*“Artur Paredes soube, magistralmente, estabelecer na guitarra um diálogo entre o Amor e a Morte - com expressões agri-doces e ambas bem pronunciadoras de um profundo saudosismo...”*

*Vários poetas, seus contemporâneos, a ele se referiram ou cantaram: Edmundo Bettencourt, José Régio e Branquinho da Fonseca.*

*Este último deixou esta afirmação: - Artur Paredes consegue na guitarra o que nós não conseguimos na poesia...!”*

Terminada a sua alocução, vibrantemente aplaudida, o Couceiro e o Teotónio Xavier, seu companheiro de guitarra no Grupo *Porta Férrea* e grande amigo de Artur Paredes, travaram o seguinte diálogo que vale a pena recordar...

- Ó Xavier, já que foste um dos que mais conviveste com Artur Paredes pudeste decerto melhor concluir que ele não tinha um temperamento fácil?

- Ó Couceiro, o que levantas dá-me ensejo a lembrar um episódio coincidente com a tua afirmação.

O Carlos gravou sem o conhecimento do pai a Valsa de Outros Tempos (produção do avô do Carlos, Gonçalo Paredes) que servia de pano de fundo romântico entre o Artur e a que veio a ser sua mulher. Tal situação serviu de pretexto para que o Artur tivesse com o filho um corte de relações prolongado.

- Xavier, sabes bem o quanto ele era cioso das suas produções.

- É verdade, não tanto por inveja mas devido ao que ele chamava o “assalghanamento” das suas produções bem como a inclusão de alguns trechos seus em composições alheias. Contudo, um dia, mesmo depois de haver criticado o Jorge Tuna por ter gravado a sua Rapsódia de Canções, reconheceu, todavia, o seu apreciável mérito interpretativo.

Opiniões de apreço deste tipo eram-lhe muito pouco frequentes.

No prolongamento do diálogo, deu significativo ênfase ao apreço que o Artur Paredes tinha pela genialidade do filho.

Por aqui nos ficamos quanto ao diálogo que ainda se foi desenvolvendo até que surgiu em cena o Grupo *Porta Férrea* para encerrar a Sessão.

Os seus cantores: Arménio Marques dos Santos, Artur Mota, João Caldas, Mário Veiga, Nascimento Ferreira e Alcindo Costa interpretaram inesquecíveis fados de Edmundo de Bettencourt acompanhados pelas guitarras do Carlos Couceiro e do Teotónio Xavier e pelas violas de Durval Moreirinhas e António Toscano.

A intervalar os fados, executaram-se algumas variações do consagrado Artur Paredes.

Todos os intervenientes, neste recordar de Edmundo de Bettencourt, Artur Paredes e D. José Pais de Almeida e Silva fizeram, desta noite, uma noite memorável.

A comprová-lo as muitas palmas que se fizeram ouvir.

*Gustavo Cerdeira*

## II - Francisco de Vasconcelos e o Grupo "Serenata de Coimbra"

A Circular que anunciava uma Tertúlia Académica para o dia 25 de Fevereiro passado dizia muito laconicamente: "...terá o mesmo timbre de qualidade e de interesse geral que todos reconhecem às tertúlias já realizadas".

Foi pena que a circular não tivesse revelado que nessa reunião se iria prestar homenagem a um Sócio por quem todos nós nutrimos a maior amizade e estima (mas, nessa altura, ainda não era possível...)



O Vasconcelos com o Estojo de Medalhas entregue pela Presidente

Alguns dos nossos amigos ficaram pesarosos quando, posteriormente, souberam que a Associação distinguia nessa noite o Francisco de Vasconcelos.

O salão da nossa Sede, mesmo assim, foi pequeno para albergar todos quantos se quiseram juntar à Direcção nessa bonita noite.

Temos de dizer que a Tertúlia atingiu momentos muito grandes de cultura que bastante sensibilizaram o homenageado.

O programa foi meticulosamente elaborado, conseguindo biografar o Francisco de Vasconcelos em toda a sua simplicidade e grandeza.

A pessoa do Poeta, do Declamador, do Compositor, do Guitarra e, sobretudo, do Homem foi-nos apresentada pelo José Henrique Dias num "juízo" que é uma peça literária de alta qualidade.

Foi um prazer ouvir ler esse texto que é uma radiografia perfeita da alma que todos lhe conhecemos.

Francisco de Vasconcelos tem uma longa obra poética que espelha os seus anseios de alma: *O Gesto e a Voz*, *À Tona da Memória*, *O Livro de Horas* e *O Perfil da Madrugada* são quatro peregrinações pelos caminhos da existência.

Zé Dias define-o desta forma: ... "Poeta limite, com espaço certo, exigente com as ideias no seu limite para a verdade em que se empenha, dá-nos notícia do seu permanente compromisso com a coerência e a consciência ética, adverte-nos sobre o seu espaço de vivência e proclama a quem se deve que é a si mesmo"... "Simples, porque basta olhá-lo e ouvi-lo para sentirmos a rara sensibilidade que o percorre, a solidariedade que se evolva do mais comum dos seus gestos, a inquietação de modéstia que sopra leve nas cortinas das janelas da sua alma de artista", como muito bem definiu o Homem.

A condução da homenagem foi bem estruturada e a assistência acompanhou, como muito interesse, as diversas intervenções.

O programa foi apresentado com profissionalismo, utilizando diapositivos que mostravam o Francisco de Vasconcelos a escrever e a ler poesia, compondo música abraçado à guitarra e todos com música de fundo d'*O Canto do Mar e do Sonho*, *Balada da Torre d'Anto*, *Fado Antigo*, este como suporte à declamação de um lindo poema para o Vasconcelos e a sua guitarra e *Variações sobre um Tema em Sol*.

O Gustavo apresentou o Vasconcelos com uma poesia que fez com muita inspiração, dizendo, a certo



A Família do Vasconcelos comovida (à frente)

passo, que iria ali proceder-se ao seu “julgamento”, tendo nomeado, para o efeito, como juiz da causa, o colega José Henrique Dias. Este, de imediato, tomou a palavra para “julgar” o Homem na sua grande dimensão moral, intelectual e cívica.

Como se diz no começo, o “julgamento” foi uma peça de grande qualidade literária que naturalmente só poderia ter o desfecho que o “juiz” ditou:

... “Francisco de Vasconcelos, poeta e músico, companheiro coimbrão e homem solidário, obrigado por seres como és”.

A Associação deve-lhe a sua permanente disponibilidade e colaboração e a Direcção, ao homenageá-lo, como o fez, interpretou o sentimento de todos nós.

José Henrique Dias e Carlos Carranca, alternadamente, disseram poemas do homenageado, como só eles o sabem fazer.

A actuação do grupo *Serenata de Coimbra*, que deliciou a assistência com alguns números especialmente escolhidos, foi muito aplaudida.

Francisco de Vasconcelos e Serrano Batista, na guitarra, João Gomes e José Alexandre Rodrigues Pereira, na viola, acompanharam

Augusto Camacho, Tito, Zé Dias, Alcindo e Barros Ferreira que cantaram fados com letra, música e letra e música da autoria do Vasconcelos.

A Tertúlia terminou com um pedido feito ao Vasconcelos pelo Gustavo, com esta poesia a que vale a pena dar o relevo que merece:

E para fechar  
a Tertúlia desta noite  
a melhor chave  
que encontrei,  
das muitas que experimentei,  
foi um POEMA ...  
simples, comovente,  
enternecedor,  
talvez que, por isso, seja  
para mim um dos mais belos  
que li do seu autor:

Francisco de Vasconcelos

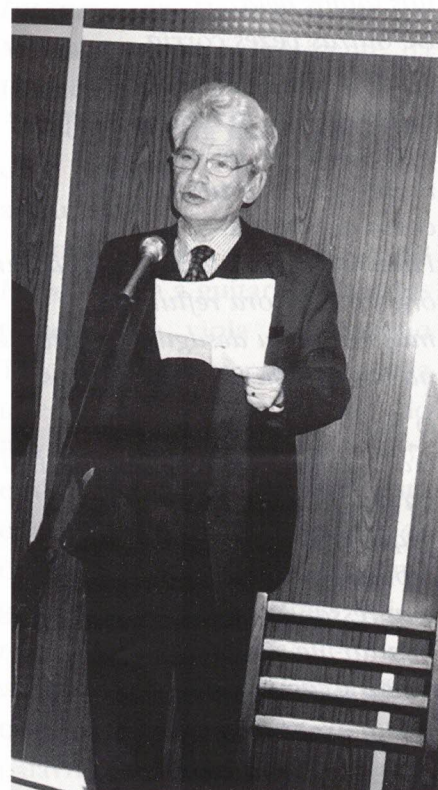
Trago aqui esse POEMA.  
Pela leitura  
que fiz  
nunca vi tanta ternura  
nem tanto Amor de raiz  
em tudo o que ele diz.

Como sei que ninguém  
o pode ler tão bem,  
com tanto sentimento  
e com tanta verdade

como tu o lês,  
peço que leias  
o POEMA  
que escreveste para a Inês.

O Poema foi entregue de seguida ao Vasconcelos para que o lesse.

Por ser tão belo e de tão profunda sensibilidade não resisto a transcrevê-lo, prestando assim, também, a minha homenagem ao seu autor, o nosso Francisco de Vasconcelos.



O Vasconcelos lendo o Poema para a Inês

“INÊS

*Inês é a minha neta.  
Naquele tempo,  
tinha apenas três anos de idade,  
mas não sabia bem ainda o que  
era isso  
de ter apenas três anos de idade.  
O que a Inês sabia, isso sim,  
é que, quando caminhava ao  
meu lado  
de mão dada,  
não tinha receio algum  
de se enganar no caminho.*

*Quando estava junto de mim,  
era pelos meus olhos que ia descobrindo  
o mundo à sua volta,  
pelas minbas palavras  
que ela ia penetrando  
a fronteira das coisas.*

*E parecia que, em certas ocasiões,  
a Inês tentava, sem o saber,  
acertar os sonhos dela pelos meus:  
“Mas porquê? - o que é? - diz, avô...”*

*De vez em quando sorria  
de forma cúmplice, ou marota,  
como se fosse Deus a sorrir  
nos lábios dela...*

*De outras vezes corria  
a fingir que fugia de mim,  
e logo depois, lá longe, voltava-se  
e apressava-se de novo  
no regresso à praia,  
cheia de alegria.*

*Parecia uma onda pequenina e inquieta,  
ora fluindo, ora refluindo,  
mas sempre a desaguar, confiante,  
na terra firme de meus braços.*

*O que a Inês não imaginava,  
era o quanto também eu precisava  
da sua mão  
pequenina*

*a puxar pela minba,  
a apressar os meus passos,  
a guiar-me  
na direcção das suas curiosidades.*

*Até ao dia em que,  
sem que nenhum de nós  
se dê conta,  
a Inês venha  
sub-repticiamente  
dar corda aos meus sonhos,  
para ficarem, momentaneamente,  
certos com os dela.”*

Durante a leitura do Poema, ouviram-se, em fundo, entoando a música de um fado, as vozes dos cantores do grupo *Serenata de Coimbra*.

Foi um final apoteótico que todos os presentes souberam distinguir com uma grande salva de palmas. A Direcção ofereceu ao Vasconcelos um estojo com as medalhas mais significativas da Academia da Universidade de Coimbra.

*João Maria*

## FOMOS A COIMBRA COM O ÂNGELO

Éramos cerca de quarenta. Partimos cedo de Lisboa e cedo chegámos a Santa Clara com paragem junto ao mosteiro da Rainha Santa. Lembras-te, Ângelo?

*Santa Clara, Santa Clara  
a teus pés corre o Mondego ...*

Dali nos deliciámos com a vista deslumbrante da nossa Coimbra a quem fizemos uma saudação muito especial.

Meia hora passada, descemos direitos ao restaurante *Alfredo*, onde nos aguardavam os Colegas de curso do Ângelo, chefiados pelo nosso bom amigo Professor Doutor Ramos Lopes para almoçarmos juntos. Entre nós e eles houve uma troca de abraços de alegria e de emoção.

Almoço comido, e quase digerido, largámos em direcção à Real República do RÁS-TE-PARTA, que em tempo foi do KALIFADO, por ter sido nesta defunta República que esteve o Ângelo quando estudou em Coimbra. O repúblico-mor que nos aguardava, tinha junto de si, (no nosso tempo nem pensar em tal), lindas “rás-te-partas” muito jovens, em absoluto contraste com a velhice do prédio, mais velho que a Sé de Braga. Sé de Braga, não; Sé de Coimbra - a Velha.

O nosso Ângelo fez a entrega de um “poster” ao repúblico-mor que logo o afixou na parede da sala dos troféus. Esta cerimónia foi muito aplaudida, tal como os discursos da praxe. O “poster” constava de uma caricatura do Ângelo e de uns versos, ambos de sua autoria. Vale a pena transcrevê-los pela sua qualidade e inspiração.

Ei-los:

*Cheguei ... sorri de ansiedade!*

*Fiquei ... sorri de alegria!*

*Sonhei que não mais partia!*

*Revivi a Mocidade ...*

*Sempre sorrindo, ao partir*

*Vai comigo esta Verdade:*

*Deixo-me aqui a sorrir*

*Em troca de ... mais Saudade!*

Depois de abraços e mais abraços, a caravana rumou com destino ao Instituto da Juventude para assistir ao lançamento, simultâneo, dos livros de poemas "O Mito de Coimbra" de Ramos Lopes e "Amor ... Amor ... e Mais Nada" de Ângelo de Araújo.

Após constituída a mesa de honra, o primeiro orador a usar da palavra foi o Professor Catedrático Ramos Lopes que, falando do Ângelo, enalteceu o seu talento de poeta, compositor, autor, guitarra ... não esquecendo de se referir a alguns dos seus fados que se tornaram célebres: *Santa Clara, Contos Velbinhos, Feiticeira*, cantados pelas melhores vozes que Coimbra conheceu.

O Ramos Lopes, sou eu agora que o digo e que ele me desculpe tratá-lo assim, também tem muita poesia dentro de si. Para testemunhá-lo, peço que leiam "O Mito de Coimbra", um livro de poemas sublimes e de rara inspiração.

A propósito do livro, gostaria de transcrever o que disse um dos oradores, a quem coube fazer a apresentação, o poeta e jurista, que jurou dizer a verdade, Dr. Jorge Soares.

*"Principiei com um convite para um aperitivo. À vossa disposição está o banquete que o Poeta serviu em "O Mito de Coimbra", espelho da nossa juventude, dos nossos sonhos,*

*das nossas irreverências, das nossas alegrias, das nossas Saudades.*

*A mesa está posta. Podem V. Ex.as, ser servidas"*

Também o nosso General Quintela, num improviso com muito espírito e uma pontinha de emoção, contou-nos, em relação ao Ângelo, todo o percurso que fez e o trabalho que teve para coleccionar as suas poesias no intuito de dar satisfação a um grande desejo seu de um dia poder publicá-las. Significa isto que se deve à persistência do nosso general (que grande homem de armas! ...), o aparecimento do livro "Amor ... Amor ... e Mais Nada". Por este seu gesto, que vivamente saudamos, todos podemos ter acesso a esta obra admirável de poemas tão belos.

De "O Mito de Coimbra" e de "Amor ... Amor ... e Mais Nada", só um bom olho clínico, ou não fosse médica a Cátia Simões, seria capaz de, num repente, seleccionar os poemas que disse com toda a arte de quem sabe representar.

Ainda na linha de sequência dos que falaram, há que referir o agradecimento, em verso, do Ângelo de Araújo ao Ramos Lopes. Que dupla esta! Ambos colegas, amigos, médicos e poetas.

Referências também para as palavras do Dr. Anselmo de

Carvalho, muito ilustre Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra e, para as palavras do Professor Catedrático da Faculdade de Letras Doutor Aníbal Pinto de Castro que encerrou os discursos com uma intervenção brilhante tendo, no final, agradecido ao Ângelo de Araújo e ao Ramos Lopes a oferta da receita das vendas dos livros, que ali se fizesse, à *Casa de Infância* do Doutor Elísio de Moura, de que é Presidente da Direcção.

Escusado será dizer que todos os oradores foram muito aplaudidos.

Logo a seguir, o Grupo "Porta Férrea" com a guitarra do Carlos Couceiro, a viola do António Toscano, (que maravilha aquela interpretação do "lá menor" do Bagão!) e as vozes do Artur Mota e do João Caldas, fechou este encontro com uma *Serenata de Coimbra*. Pela sua actuação, uma grande salva de palmas foi a resposta da assistência!

Agora à laia de balanço: Uma tarde para não esquecer em que a palavra, a poesia, o fado e as guitarras se uniram num abraço de uma amizade que só a sente quem andou por Coimbra.

De Coimbra regressámos a Lisboa.

Todos "numa boa".

*Gustavo Cerdeira*

#### ERRATA

No último *Capa & Batina*, página 5 - em TERTÚLIAS ACADÉMICAS - I 'Noite do Ângelo', omitimos os nomes dos cantores: Duarte Mota, José Henrique Dias, Luiz Goes, Manuel Veiga e Nascimento Ferreira. No mesmo número, na página 10 em II DA PRIMEIRA FILHA DA SEBENTA, deveria ler-se, como decerto calcularam, FOLHA em vez de FILHA. Aos nossos Colegas Eduíno de Jesus e José Henrique Dias, autores, respectivamente, do 1º e 2º textos, apresentamos as maiores desculpas.

# Os Nossos Passeios

## I - PASSEIO DA PRIMAVERA POR TERRAS DO DEMO

Dias 29 e 30 de Abril e 1 de Maio

1. Comecemos pelo princípio.

Um princípio diluvial ... com toda a nossa censura ao S. Pedro, desta vez nada académico.

Mas ninguém arredou pé e lá partimos os 103 viandantes a caminho da fábrica "Atlantis", onde assistimos às diversas fases do fabrico do precioso cristal, que no fim, entrou nas algibeiras de alguns.

Depois ... o Aquilino Ribeiro ...

O Aquilino Ribeiro enganou-se, nunca nos apareceu o Demo a tentar-nos, mas apareceram até uns anjinhos que julgavam que iam ao Castelo de Leiria.

Teve que se fazer uma opção. Ou a batalha para se conquistar o Castelo, ou a batalha para vencer o "Dragão", vulgo "*Tromba Rija*". Optou-se pela segunda, para maior glória dos "Antigos Estudantes de Coimbra".

Nas entradas (do combate), cada combatente teve de vencer 70 inimigos salgados e nas saídas, mais de uma dúzia de inimigos doces (mas não eram pêras doces).

Duas horas de rija peleja. Mas a vitória foi nossa!

Com muita pena nossa, tivemos de abandonar o campo de batalha, para seguir para Mangualde.

Em Mangualde esperá-vamos o Presidente da Câmara, antigo estudante de Coimbra e, por isso, paciente, pois o atraso na agenda foi apenas de uma hora.

Este nosso distinto Colega deu-nos as boas vindas no Auditório Municipal com uma magistral lição sobre o Concelho de Mangualde, sua história, seu desenvolvimento, suas indústrias, seus vultos notáveis e tudo o que respeitava ao

concelho.

Encantou-nos com as suas palavras de um excelente Professor Universitário que é.

Aqui sucedeu, o que posteriormente veio a repetir-se, nós não chegávamos com atraso, pelo contrário, devido ao adiantado da hora, tivemos de seguir para o *Grande Hotel das Caldas da Felgueira*, onde nos esperava um bom jantar, deixando a visita à cidade de Mangualde para o dia seguinte.

Após o jantar, tivemos a exibição de um grupo local, que nos deliciou com Cantares da Região.



No hotel, o Grupo ACAB, de Azurara da Beira

2. Ao 2º dia, acordámos no *Grande Hotel das Caldas da Felgueira*, onde fomos bem tratados, com gentileza e competência.

Saímos para a visita à cidade de Mangualde, que é bonita, com progresso notório, talvez devido ao facto de ter bastante indústria e daí desemprego quase nulo.

Monumentos de Mangualde: a Igreja Matriz, de origem românica; a Igreja da Misericórdia, do século XVII e o Solar da Família Pais do Amaral, conhecido por Palácio

Anadia, construído nos finais do século XVII.

Seguimos depois para o Santuário da Senhora do Castelo, no cimo de um monte, donde se disfruta uma extraordinária vista em redor. A Ermida foi construída com pedra do velho Castelo e dá acesso a ela uma escadaria de 212 degraus (que nós não subimos por termos deixado há pouco de pertencer à juventude).

Etapla seguinte: Penalva do Castelo.

De salientar, a Igreja da Misericórdia, possivelmente do século XIX, a Igreja Matriz barroca e a Casa da Ínsua - Solar dos Albuquerque, "ex-libris" da terra, construção do século XVIII, onde predomina o ornamento da Flor de Liz e que é um majestoso edifício, rodeado de bonitos jardins de gosto italiano e um parque envolvente com árvores de grande porte. É de notar que a Casa da Ínsua mostra ainda uma das primeiras centrais eléctricas de Portugal.

Depois veio Aguiar da Beira, com um Centro Histórico interessante, onde se aprecia uma Torre quatrocentista, depois adaptada a Torre do Relógio, o Pelourinho manuelino e a fonte das Ameias, possivelmente do século XVI, original por não ser normal uma fonte ser rodeada de ameias, como se fosse um castelo.

Após o almoço, seguimos para a Serra da Lapa, onde está o Santuário de Nossa Senhora da Lapa, construído sobre uma grande pedra, com base na lenda, dos séculos XVI e XVII.

Diz essa lenda que uma criança



Senhora do Castelo, em Mangualde

muda encontrou debaixo da referida pedra, uma Imagem de Nossa Senhora que levou e com a qual se entretinha. A mãe, para evitar distrações à filha, que a afastavam do trabalho, tirou-lhe a imagem e ia deitá-la ao fogo, quando a muda falou, dizendo para não a atirar ao fogo, pois era Nossa Senhora.

A devoção dos pais fez construir ali aquele Santuário apoiado na gruta de pedra onde apareceu a Imagem.

Também diz a lenda que, em certo ponto da gruta, há uma passagem apertada entre duas pedras, onde só passa quem não tiver pecados, os que lá fomos, passámos, mas alguns Colegas não tentaram (lá saberão porquê!).

A caminho de Sernancelhe, passámos em Carregal do Tabosa para apreciar a casa em que nasceu Aquilino Ribeiro e na qual está uma lápide a assinalar esse facto.



Casa do Aquilino Ribeiro

Seguiu-se Sernancelhe, que mostra uma Igreja românica, um Pelourinho do século XVI e o Solar dos Carvalhos do século XVIII.

Continuando em viagem, passámos em Soutosa, onde está a Casa Museu de Aquilino Ribeiro, que não visitámos por estar fechada.

Veio depois Vila Nova de Paiva com uma bonita Igreja Matriz.

Ainda Sátão, também com uma Igreja Matriz com interesse e o Solar dos Albuquerque em estilo barroco.

Chegámos às Caldas da Felgueira onde já merecíamos o jantar, que não constava do programa que fora distribuído, mas lá foi servido depois de muitos pedidos à simpática Direcção da Associação.

Após o jantar, houve serão musical, em que tocaram e cantaram o nosso Colega Alcindo e o senhor Vítor, animador do Hotel, que nos acompanhou no passeio, dando indicações do que se visitava, ainda que não seja guia turístico, pelo que mereceu o nosso apreço.

3. Iniciámos o 3º dia com a visita ao Centro Termal das Caldas da Felgueira que tem óptimas e modernas instalações, pois tem grande frequência de aquistas.

Durante a visita, houve dois momentos de humor e empatia:

- quando o administrador, Dr. Almeida Dias, nos mostrava a sala

onde as crianças fazem tratamento ao nariz e garganta, em separado dos adultos para não os perturbar e serem acompanhados dos pais, a nossa Presidente, em jeito de irreverência académica, perguntou se algum dos nossos Sócios, caso o preferisse, poderia usar essa sala, ao que o Dr. Almeida Dias respondeu: "*Claro, desde que não traga a mãezinha atrás ...*";

- à despedida, a nossa Presidente fez oferta de uma medalha da Associação, dizendo:

*"Esperamos que a vileza deste metal não vá conspurcar a pureza destas águas"*, ao que o Dr. Almeida Dias respondeu: "*diligenciarei o necessário equilíbrio ...*".

Como nós já passámos dos quarenta (encantador), começamos a ter os achaques resultantes da consulta de B.I. e daí que nos alegrasse a notícia de estar em estudo um desconto a conceder aos Sócios da nossa Associação naquelas Termas (venha o desconto, que o lugar é bonito para tratamento e descanso).

Partimos para a Serra da Estrela, com passagem por Seia, outra cidade com grande desenvolvimento.

Por gentileza da Comissão de Turismo da Serra para com a simpática Direcção da nossa Associação, proporcionaram-nos um espectáculo de sonho com a Serra coberta de neve, como só costuma estar em Fevereiro ou Março.

Nalguns pontos da estrada, a parede de neve ao lado, chegava a atingir os dois metros e mais de altura.

Embora fossem, entre os nossos companheiros, esquiadores de nível internacional, do género sky ici, levanta-se acolá, ninguém, modestamente, se quis exhibir.

Regresso ao Hotel para almoçar, quase à hora marcada, mas valeu a pena o sacrifício. Alguns vingaram-se, comendo pelo almoço e pela merenda, pois como era "bufet", não se nota tanto onde está o comilão.



Igreja de Sernancelhe

Após o almoço, regresso a Lisboa. Mas o pior estava para vir.

Alguns já se tinham abastecido do bom vinho da “Casa da Ínsua”, outros abasteceram-se da Cooperativa de Nelas.

Mas, no caminho, o nosso Colega Aurélio Ribeiro, depois de atravessarmos, ao longo de vários quilómetros, as suas propriedades, com anúncio de venda de lotes para construir moradias, anunciou que, mais à frente havia uma queijeira que vendia do autêntico “Queijo da Serra”. Ele disse que não tinha percentagem mas ...

Suscitou-se logo a grande dúvida: era permitido ou não apalpar o queijo ... (da Serra, claro).

Mais de metade dos nossos Colegas entrou na queijaria e, no meio de grande confusão apalparam, provavam e traziam (estamos a falar sempre de queijos).

Última paragem na Auto-Estrada, Área de Serviço de Leiria, onde se comeu alguma coisa, ou se bebeu, desde água a uma boa aguardente (não se dizem nomes, somos discretos).

Antes de acabada a viagem os Eferriás do estilo à nossa devotada Direcção que, mais uma vez, demonstrou o seu cuidado e a sua competência em proporcionar um excelente passeio, com as componentes culturais, gastronómicas e, sobretudo, de agradável convívio académico.

O leve bosquejo histórico que deixamos transcrito pode ser completado com larga vantagem pelo Estudo que nos foi distribuído e ficará arquivado na nossa Associação, feito pela nossa Colega Maria Olga Reis.

Agora, esperamos o próximo passeio com ansiedade, mas talvez não convenha ir para região de bom queijo ...

*Magda e Roberto Valente*

#### ADENDA

##### Sobre SERNANCELHE

Porque que me foi pedido por alguns dos nossos queridos “passeantes”, aqui fica uma nota sobre Sernancelhe.

Dizem-na abandonada pelos Moiros nos fins do séc. XI e repovoada pelos cristãos nos alvares do séc. XII, como atesta o seu 1º foral de 1124. Situada numa das rotas medievais portuguesas que, aproveitando velhas calçadas romanas, levava beirões a Compostela, Sernancelhe, comenda dos Hospitalários, foi reconforto espiritual e físico de exaustos peregrinos. A sua igreja já existia em 1210 mas muito da pureza de sua traça românica se adulterou com a remodelação efectuada no séc. XVII. Daquela resta-nos o pórtico de 3 arquivoltas de arco pleno, apoiadas cada uma em duas colunas lisas

cujos capitéis simples e deteriorados são fitomórficos e diferentes. Das arquivoltas, as laterais são lisas e a central lavrada de arcanjos sorridentes - cinco de cada lado. O tímpano, de decoração vegetalista, mostra pela forma e tom da pedra a sua relativa juventude havendo quem o considere uma restauração seiscenista. Contudo, o que da igreja tem de precioso são os dois blocos de esculturas inseridos em nichos badalquinados um de cada lado do pórtico a nível da raiz das arquivoltas. As seis pequenas estátuas destacam-se do fundo, em relevo pleno, o que é uma raridade no românico peninsular e, ao que se sabe, caso único no nosso. O que essas figuras representam não está definitivamente estabelecido mas têm-se por verosímil que se trata dos quatro evangelistas ladeando dois a dois os apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

No chão, junto à frontaria, vimos duas tampas sepulcrais com a cruz patesca inscrita o que não é razão suficiente para concluir tratar-se de pagides de cavaleiros-templários, já que nos aparecem cruces semelhantes em sepulturas paleo-cristãs. Não sei para onde teriam levado uma outra sepultura que lá costumava estar. Essa sim, é outra preciosidade pois tendo insculpida em forma esquematizada um rosto humano de olhos dominantes e notando-lhe as semelhanças com ídolo-placas do período megalítico, se pode concluir que na mítica de culto cristão primitivo ainda havia resquícios pagãos de carácter mágico-religioso.

A completar o centro histórico de Sernancelhe temos ainda o pelourinho de gaiola de fuste altíssimo e monolítico, a Casa da Comenda marcada com a cruz de Malta, que foi residência de antigos foreiros e o arruinado Castelo que hoje não passa de um excelente miradouro.

*Maria Olga Reis*



# Conversas Quinzenais

- Era preciso animar aquele belo Salão, na Sede, que agora é de todos nós.

Já ali se realizavam Tertúlias e Chás da Filantrópica, mas uma actividade regular, só a do Bridge às 6<sup>as</sup> feiras, e essa interessava só a jogadores

Porque não aproveitar a Saboria dos Sócios, adquirida nos velhos bancos da Universidade, acrescentado na prática profissional, social e cultural?

Isso poderia traduzir-se em agradáveis e amenas conversas, em troca de conhecimentos de que todos aproveitariam.

E daqui nasceu a ideia das "Conversas Quinzenais" que, se ainda não entraram nos hábitos de muitos, já encantaram todos aqueles a que elas assistiram. E assim relembramos as que já se efectuaram.

Na 1<sup>a</sup> Conversa, escutámos o Eduíno de Jesus, poeta, escritor e conferencista de reconhecido mérito em Academias, Centros e Tertúlias Literárias dos Açores e do Continente.

Falou-nos sobre as "*Cantigas de Amor, de Amigo e Maldizer na Poesia Trovadoresca Galaico-Portuguesa*".

Fez-nos evocar os serões palacianos e seus cantores e as belas poesias que marcaram o início da nossa Literatura.

Recitou com a colaboração da Maria Antónia cantares da época, tendo apresentado, por fim, uma interpretação muito original e pessoal da chamada "*Cantiga da*

*Ribeirinba*".

Foi lembrado o nosso rei D. Diniz, que além de ser poeta e autor de cantigas de Amor e de Amigo, perpetuadas em Cancioneiros, presenteou Coimbra com a nossa Universidade. Cantou-se dele a mais conhecida "*Ai Flores, ai Flores do verde pião*" ... ..

Quem se não lembrou, com alguma saudade, das aulas de Literatura do 7<sup>o</sup> Ano e das professoras e professores que as davam!

Na 2<sup>a</sup> Conversa foi o Eng. Helder Ribeiro, comunicador excelente, que nos encantou ao falar-nos do "*Cinema dos anos 40, em Coimbra*".

Através da projecção de acetatos, recordou-nos os 3 velhos cinemas *Sousa Bastos, Tivoli e Avenida* e os filmes desse tempo em que eram heróis o Clark Gable, a Heddy Lamar, a Marlene e tantos ... Foi o tempo do polémico "*Capas Negras*" com a saudosa Amália Rodrigues.

Relembrámos os anúncios, agora pitorescos, que se projectavam nos intervalos e a sempre esperada informação dos resultados do Futebol em que participava a Briosa. Até a equipa, orientada pelo Manuel de Oliveira, foi recordada. E as pevides, os tremoços e os "bananis", que por \$50 se compravam às portas do cinema!

Lembranças boas e saborosas da nossa mocidade. Obrigado Eng. Helder!

Na 3<sup>a</sup> Conversa, já em Maio, tivemos o prazer de ouvir o

Coronel Anjos de Carvalho, nosso Sócio Honorário no tema "*Algo a Dizer Sobre o Fado de Coimbra*".

E muito havia a dizer e a ouvir. Além de historiar o aparecimento do Fado e seus cantores, chamounos também a atenção para o facto de ser justo valorizar mais o papel dos instrumentistas, no êxito dos interpretes da canção.

Lamentou a dificuldade que por vezes o investigador encontra na destrição de erros, na atribuição de autorias, de corruptela de letras, de datas, etc.

O seu imenso amor à canção de Coimbra e à música em geral, levou-o a uma investigação séria sobre a mesma e permitiu-nos o privilégio de escutar a sua bela lição sobre o Fado.

De salientar as oportunas intervenções de um dos seus credenciados intérpretes - Fernando Rolim e pena é referi-lo, foi o único dos muitos a quem esta Conversa poderia interessar, por serem cultores do mesmo Fado, que compareceu.

Na 4<sup>a</sup> Conversa falou a Maria Manuela Alves da Costa sobre a "*Oligoterapia e a Saúde*".

A Maria Manuela, além da sua comprovada experiência e sabedoria em matéria de Engenharia Química, é também uma "catedrática" nestas coisas de Nutrição. Falou-nos de Alimentação Racional da importância dos minerais no equilíbrio do nosso corpo e na necessidade da sua administração, em doses adequadas, quando delas houver carências.

Alertou-nos para o cuidado a haver na confecção dos alimentos e para os enormes benefícios que se podem tirar da Natureza, com os chamados *Produtos Naturais*, mais económicos e mais saudáveis.

Foi, segundo os que a esta Conversa assistiram, uma excelente Aula Sobre Cuidados de Saúde. Suscitou intervenções pontuais e com interesse dos assistentes nomeadamente do médico Alves de Matos, da engenheira química Maria do Rosário Cravo, do vice-Dux Veteranorum Sobral Torres que veio expressamente do Porto para esta Conversa, e outros.

Na 5ª conversa foi a vez do nosso Sócio Murta Rebelo, senhor de multifacetado saber, de nos deliciar com "*A Canção Napolitana*".

Encerrámos, assim, o mês de Maio e, podemos dizer, com chave de ouro, pois de ouro foram as composições musicais que ouvimos e de ouro foram os seus intérpretes, em discos preciosos, alguns já esgotados. Tais preciosidades tinham que ser manuseadas também por alguém de eleição para estas coisas da música e, assim, foi o Coronel Anjos de Carvalho que serviu de *Disk Jokey*.

Murta Rebelo dava uma breve nota explicativa de cada Ária, mencionando compositores, autores das letras e intérpretes. Relembremos os que foram ouvidos:

Os compositores: Di Capua, G. Gioffi, E.A. Mario,

Tosti, S. Cardilho, R. Falvo, E. Tagliaferi, Ernesto de Curtis...

As Canções: "O Sole Mio", "Na Sera'E Maggio", "Santa Lucia Luntana", "Marechiaro", "Core'ngrato", "Maria, Mari", "Paese d'O Sole", "Torna a Suriculo"...

Os Intérpretes: E. Caruso, Mari Del Monaco, Luciano Pavarotti, Joseppe Di Stefano...

Enfim, uma conversa e audição musical, que nos encantou e lavou a alma.

Se estas Conversas já "foram", vamos lembrar as que "virão"!, sempre às 17h30.

Em Junho no dia 14 - "A Importância da Universidade de Coimbra na Independência do Brasil", pelo João Maria Alves Rodrigues;

No dia 28 - "Do Teatro Infantil, Juvenil e Universitário", pelo Eduíno de Jesus e a Maria Antónia Dionísio.

Em Julho no dia 12 - "Histórias Reais e Jurídicas", pelo Alcindo Costa.

No dia 26 - "Figuras Históricas de Coimbra - O Infante D. Pedro", pela Maria Olga Reis. (Esta Conversa, dada a proximidade das férias e de outras actividades - Viagens - poderá ser adiada para Outubro).

Em Agosto e Setembro não há Conversas.

*Isabel Alexandre*

## MEMÓRIAS DOS TEMPOS DE COIMBRA

### I - Da Primeira Folha da Sebenta (6)

Traquinei pelas ruas da velha Alta, assisti à destruição do casario, à asfixia das ruas e lugares, ao colapso da vivência gárrula da Rua Larga, entre o Largo do Castelo e a Porta Férrea. Vi fechar as portas da Farmácia do Pinheiranda, silenciar "o equipamento sonoro" do Orfeon, escola radialista onde pontificava o Guimarães Amora a irradiar música coimbrã através dos *altifalantes* pendurados no varandim da velha Associação. Espreitei as montras definitivamente vazias da Leitaria do Raul e vi arrancar meticulosamente os azulejos do emblema da Académica da parede da Leitaria Aca-

démica, a do Pirata dos "livros dos cães", essas preciosidades onde se assentava o quotidiano da sobrevivência de tantas gerações de estudantes, que julgo perdidos para sempre, e que ainda conheci empilhados na última morada da Travessa da Matemática, quando o velho Joaquim jovializou um novo casamento.

Amortalharam-se as estantes da Livraria do Neves das sebatas, esfriaram as últimas cinzas do forno da padaria do Matos Cabo, a Tabacaria Grilo disse um último adeus ao Chafariz do Marco da Feira, transferiu-se para a rua da Sofia a Livraria do Castelo, partiu de

armas e bagagens a tasca do Namora, desarmou as tulhas a mercearia do Ventura e a Rás Tepartha salvou a golpes de serrote a quadra da porta: Entra amigo, entra em paz, /Se trazes presunto e vinho. /Mas se é conta que te traz, /Saímos à bocadinho.

A quadra no rectângulo de madeira tomou lugar glorioso na nova casa da Rua de Matemática. Quantos por lá passaram! ... De menino a rapazito, bem me lembro do meu querido Sobral Torres, que décadas depois havia de fazer-me o favor de se tornar meu amigo numa viagem aos Açores, entre a sedução do seu verbo e uns pobres gargarejos meus, a repormos cada um a seu jeito uma Coimbra mítica na evocação colorida do tribuno e no balanço possível de umas baladas de que eu era intérprete. Separavam-nos muitos anos, mas éramos num supetão igualmente moços por magia das capas e virtude das memórias partilhadas. Já espigadote, “bicho cantor” acolhido pela imensa benevolência dos doutores, vá de agradecer pelos lares os bolos das festas de centenário, cosidos com as esquinas da noite no trotar das calçadas, a levar trovas às colegas do Patronato, das Teresianas, na casa entalada nos Arcos do Jardim ou lá mais longe às das Doroteias. Soavam as guitarras do Júlio Ribeiro, ou do Portugal, ou do Couceiro ou do Abreu Lima, as violas do Caseiro Rocha, ou do Políbio ou do Levi, que sei já eu, peregrino de tantas gerações pela graça de ali ter nascido e me fazer gente, nesse acolhedor convívio dos mais velhos, com os rás Nascimento Fer-

reira ou Souza Dias, depois os madeirenses Azeredo Pais e o Daniel, o bom gigante que punha na viola ritmos quentes e trauteava modinhas como ninguém e que tristemente não era possível encontrar quando passei no Funchal há um bom par de anos. Da mesma fornada, o Bernardes, o Edgar Verdade, o Edgar Neto, o Varela, o temível Joel das forças, um nunca acabar se fosse à bolsa de valores da memória fazer com que “tanta gente viesse...”, como na *Romagem* que a voz do Goes imortalizou, gente com quem partilhei longas horas de tertúlia, dominó e vagas conspiratás na tasca do velho Carvalho, paredes-meias com o Patronato, ninho de perduráveis paixões.

Da Rás Tepartha, olhando de esguelha para a coroa da Rua das Flores, que era a minha rua, as janelas do Palácio da Loucura. Era o tempo dos manos Araújo Correia, o Camilo e o João, palaciano foi esse nome maior da poesia universal que se chama Herberto Helder, por lá passou o Louzã Henriques, meu companheiro desde os bancos do liceu. O Camilo, em ablativos de João Semana, o João entre o TEUC e os códigos, e que fazia o mais espantoso Parvo das barcas vicentinas que passou pelos nossos palcos. Com o peso de um nome que guarda o último grande mestre da nossa língua (o prodigioso prosador de *Montes Pintados* e vigilante pedagogo de *Enfermaria do Idioma*, para que não esqueça - João de Araújo Correia -, que se manteve fiel ao torrão duriense e não trocou a estesia dos seus lugares sagrados

pelas fábricas de prestígios tísicos dos cafés lisboetas), com indissimulável orgulho da patriarcal herança, o Camilo também foi misturando as artes de facultativo com a notável pujança da sua perna, em Coimbra nas colunas da *Briosa* e da *Via Latina*, depois em volumes de recolha das suas saborosíssimas crónicas. Não esqueceu o tempo da *Menina e Moça* dos finais dos anos quarenta e premícias dos cinquenta, e com ternura e fino humor devolve-nos gentes e lugares. Em *Coimbra outra vez* (Brasília Editora, Porto, 1998), retrata numa penada “A melhor pessoa do mundo”. Lemos e ficamos com a certeza que não há exagero no título daquela divertida e fraterna estória, vivida entre companheiros de república. E sabem quem é a melhor pessoa do mundo? Como se o não soubessem já...

É o Camacho. O Augusto Camacho Vieira. A quem todos devemos uma consagração pública. A quem Coimbra deve uma qualquer memória, em um qualquer lugar. Pela Coimbra que semeou e semeia. Pelas permanentes lições de solidária dádiva de uma alma de menino em cada verso que canta, pela grandeza ética da sua cidadania ...

*José Henrique Dias*

#### Nota do Autor:

*“No último número, a folha virou filba, ficámos sem saber filba de quem, filba de quê, e o nome do autor perdeu-se nos labirintos da composição. Claro que é pouco importante, os nossos colegas leitores deram conta do lapso com toda a certeza, e até terá servido para meia gargalhada de bom sabor coimbrão.”*

## II - O Enterro do Grau

O que foi o “Enterro do Grau”?

Até 1905 o Grau de Bacharel era o título científico conferido solenemente pela Universidade quando obtida a aprovação em todas as cadeiras do penúltimo ano.

A solenidade da sua imposição realizava-se na Capela da Universidade e, mais tarde, na Sala dos Capelos.

Com a Reforma do Ensino de 1901, acabou-se a distinção entre Bacharel e Bacharel Formado.

Este foi o motivo que deu origem à paródia interessantíssima feita pela Academia que ficou célebre com o nome de “Enterro do Grau”.

O Curso de Direito de 1901-1906 foi o último a receber solenemente o Grau de Bacharel.

A preparação da festa começou

em Abril de 1905 com a afixação do cartaz que anunciava as Festas com um Sarau em que se representou a “*Farça em verso - Auto do Grau*” - de António Gomes da Silva”.

Depois... veio o Cortejo Fúnebre, com mais de uma dúzia de carros alegóricos, não esquecendo o “Ataúde do Grau”.

Nessa ocasião foi ainda editado e posto à venda um folheto “*História Genealógica do Grau por um grupo de Sábios do Instituto de Coimbra*”, além de uma série de postais editados na ocasião.

Para o “entéro” também foi feito um Hino, com música da autoria de Henrique Corte-Real, cuja letra de Gomes da Silva é a seguinte:

CORO

*Requiescat in pace,  
Nas sempiternas alturas,  
Velbo Cabo Tormentoso  
Das antigas formaturas.*

VOZ

*Caia o pranto derradeiro  
na sepultura do Grau  
Morreu mais triste e mais seco  
Do que o seco bacalhau.*

Para finalizar, informo que só em 1945 foi suprimido em Direito o Grau de Bacharel, podendo então fazer exames todo o aluno aprovado no 4º ano.

Acabou a “Uva”, a Carta de Bacharel!

*Maria Antónia*

(Notas tiradas de “Academia de Coimbra, 1537-1990” de Alberto Sousa Lamy)

## A CANÇÃO DE COIMBRA NAS ROMARIAS POPULARES

### ALDEIA DO BISPO - FESTA DA N<sup>a</sup>. SRA. DOS MILAGRES

É uma das 48 freguesias do Sabugal, engalanada, como todas as outras, durante o mês de Agosto - dias 12, 13, 14 e 15 - e que nos merece uma atenção muito especial, pois não é todos os dias (ou anos) que um nosso Sócio é o primeiro dos Mordomos!

Trata-se do Luís Manso, que tem como ponto de honra/mordomia levar Coimbra à sua terra Natal e lançou um apelo à Direcção: conto convosco, Sócios da A.A.E.C. em Lisboa, “em regimento”! e tragam-me guitarras, violas e vozes para a noite do dia 13!

Haja Deus quanto à disponibilidade em mês tão pouco propício para o efeito da Serenata!... E que Ele ajude o nosso Tito na sua função de coordenador da mesma ...

Para quem não conheça a Aldeia do Bispo, que mais “natural e imparcial” apresentador?:

“ALDEIA DO BISPO - CAPA NEGRA AOS OMBROS  
Era uma vez Beira Alta. Um dia, em Aldeia do Bispo, terra de montanhas e urzes, entre barrocos e águas, um dia, num só dia, choveu, fez-se sol, trovejou, foi calor e foi noite baixa e estrelada em cima das casas velhas do granito eterno. Um dia em A. do Bispo, rés-vés a Espanha, a Navasfrias, um “pueblo”

*de hermanos nostros, com cegonbas e ninhos delas nas torres altas. A cegonha volta sempre. Como os pássaros todos. Nunca se esquecem da Aldeia. Tal como os homens, os de perto, os que estão longe, os emigrados, os de cá e os de lá. Estão lá todos na memória colectiva de gente que padeceu e que lá vai levando as suas cruces. Obrigado à minha terra.*

*Dos poucos que aprenderam o risco do nome, quase todos passaram por Coimbra. Mas a Aldeia mal ouviu falar de Coimbra e dos fados. Fadários que são longe, mais longe do que o mar. De lendas, de homens bravios e lendários, de coisas e coisas centenárias estão os velhos cheios na sua memória triste e acanhada.*

*Aldeia do Bispo é assim. A 400 km de Lisboa. Mas onde fica Lisboa?*

*Longe daqueles planaltos e serranias. De lá, onde nasce o Coa, colado a Espanha, de emigrantes a “salto” para franças. Antes, muito antes, havia sido o contrabando e a miséria. Portas cerradas, a côdea dura, o porco magro, negros os xailes, aldrabas sem porta, que a gente era pobre e os meios descalços. Mas continuam sem porta as casas, sempre abertas, a*

*mesa posta, benvindo quem vier; louvado seja Deus!*

*Castanha, centeio, gado, batata, vão andando, que a terra é agreste.*

*Os toiros, o sangue, a Guerra Civil de Espanha, a poeira alevantada, a bravura, são muitas mais as giestas da minha Aldeia. E os pinheiros são bravos também. Os morangos, as cerejas, quase desistiram de viver. E, só aos poucos, o amanho da terra vai resistindo a meia dúzia de teimosos.*

*Aldeia do Bispo é um nó da corda raiana onde é única uma tradição de todo o mundo: a tourada com forcão. Será, este ano, no dia 14 de Agosto. Dia 13, que é domingo, é o dia da Festa de Nossa Senhora dos Milagres. E haverá de ser nesse dia, obra maior, a 1ª Serenata de Coimbra que lá terá chegado.*

*O Tito Costa Santos, amigo antigo, levará outros amigos também. O Luiz, sim, o Goes, garantiu a presença. É palavra dada.*

*Forcão? É um triângulo pesado feito com traves de carvalho que a coragem dos rapazes alevanta até o toiro marrar, marrar, e ficar "esperado" digamos "aprovado".*

*A tourada diz-se "capeia". Começa pelo "encerro", os toiros enquadrados por cavalos, pelos caminhos até ao curro. E cheira a festa, a melancia, à pólvora dos foguetes, à música e ao tambor; e a*

*gritos de valentias.*

*Por alturas da Festa, todos nos juntamos: este comordomo do ano 2000, que se assina conforme os usos, recomenda vivamente os dias 13 e 14. E os outros também.*

*A. do Bispo está bem e recomenda-se. O Concelbo é do Sabugal, o tal do castelo único das "5 Quinas". Lá de cima, do planalto subido, entre as Serras da Malcata, das Mesas e da Gata. Neva e faz calor; a seu tempo. Mas é tudo lá de cima que se avista: os lacraus, o lince, o gato bravo, o javali e os lagartos. Os corvos são lentos. Não existe céu mais duro e mais puro. As estrelas, a noite, a luz, o dia, a treva, o quente que o calor das gentes torna quase insuportável. Aquece-se na minha Aldeia.*

*No Verão, tem milhares de habitantes. Durante o ano não chegarão a 500. Poucas as crianças na escola. Todos os Sócios e amigos da AAEC (em Lisboa) estão convocados a ir e conhecer. A Fátima também tem recado. Exercemos, pois, o direito à Alegria! E o céu ali tão perto.*

*Abril, águas mil, 2000*

*Luís Manso*

Depois disto, ninguém que possa deixará de confraternizar com o Luís e os seus animosos confratêrneos, sob o manto de uma Senhora milagreira!

## IV REUNIÃO DAS DIRECÇÕES DAS A.A.E.C.

Havia ficado assente, na III Reunião, que fosse a nossa Associação a anfitriã da próxima, que se realizou apenas em 11 de Março passado devido ao propósito unânime de recebermos os Colegas na nossa nova SEDE!

E quanto eles gostaram das instalações e dos "mimos" com que pretendemos brindá-los!



Pois nela participaram: como representantes da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra, o seu Presidente Professor Anselmo Carvalhas, o Eng. Nuno Ribeiro, o Dr. Avelino da Silva e o Dr. Sansão Coelho; como representante da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra na Região Autónoma da Madeira, o Dr. António Macedo, seu Presidente; como representante da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Braga, o seu Presidente Eng. Cruz Martins; como representantes da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto, o seu Presidente Dr. Francisco Diogo Fernandes e o Eng. Braga da Cruz; como representante da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra do Alto Mondego, o seu Presidente Dr. Heitor Peixoto; e como representantes da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, a sua Presidente Dr.ª Fátima Lencastre, o seu Vice-Presidente Dr. Alcindo Augusto Costa e o seu Tesoureiro Eng. António Ribeiro, representando também, por delegação, a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Vale do Sousa.

A Ordem de Trabalhos foi a seguinte:

**1 - Compatibilização das actividades das Associações.**

**2 - Sócio Extraordinário - Revista "Porta Férrea" - Posição a tomar pelas Associações.**

**3 - Análise e discussão dos projectos de constituição da Federação, com vista à aprovação do projecto final.**

**4 - Qualquer outro assunto de interesse inter-associativo.**

Quanto ao ponto 1, por proposta nossa, foi deliberado que todas as Associações providenciassem no sentido de, no início de cada ano, enviarem umas às outras os seus programas de eventos e respectivas datas, a fim de se evitarem sobreposições, uma vez que vem sendo entendido que os Sócios de cada Associação têm as mesmas regalias que as de todas as outras e podem participar em paridade nos eventos de cada uma delas.

Desde já, ficaram registados o dia 7 de Outubro para o *Dia do Antigo Estudante*, evento que terá lugar em Coimbra, (a nossa Associação já considerou esta data incluindo-a no Passeio de Outono, de modo a que todos os participantes estejam presentes em Coimbra); o dia 11 ou 18 de Novembro para o aniversário da Associação do Porto; o dia 25 de Novembro para a habitual *"Tomada da Bastilha"* da Associação de Lisboa; o dia 1 de Dezembro para o aniversário da Associação de Braga.

Seguidamente, o Presidente da Associação da Região Autónoma da Madeira foi mandatado, por aclamação, para providenciar no sentido de organizarmos uma excursão ao Funchal no fim do ano e aí comemorarmos a passagem para o novo milénio e obter as melhores condições de realização de tal evento.

Quanto ao ponto 2, historiando um pouco, é de recordar que a figura de *"Sócio Extraordinário"* da Associação Académica de Coimbra foi criada aquando da última revisão dos seus Estatutos, com vista a um contacto permanente e institucional com os antigos estudantes da Academia de Coimbra.

Os seus direitos são (Artigo 13º):

*"a) Contribuir para a prossecução dos fins da AAC;*

*b) Participar nas actividades da AAC e usufruir de todas as regalias que ela lhes proporcione;*

*c) Frequentar a sede e outros estabelecimentos da AAC, utilizando os elementos de estudo, diversão e serviços que esta lhes proporcione;*

*d) Receber com regularidade informações sobre a AAC;*

*e) Recorrer para o órgão competente da lesão dos seus direitos;*

*f) Possuir um cartão de sócio da AAC."*

Os seus deveres são (Artigo 14º):

*"a) Respeitar os Princípios da AAC e contribuir para os seus Fins;*

*b) Cumprir as disposições es-*

*tatutárias;*

*c) Pagar anualmente a quota mínima fixada pela Direcção-Geral".*

Já na *"Tomada da Bastilha"* de 1998, a nossa Associação acolheu a pretensão dos jovens de difundir esta inovação, estando presentes com toda a informação e boletins de inscrição (que ainda obtiveram em bom número ...). Também os nossos *"Capa & Batina"* nº 8 (Outubro 1996) e nº 9 (Abril 1997) deram a notícia, deixando-se à liberdade de cada um dos Sócios a sua inscrição.

Trata-se, pois, de um *"facto consumado"*, como quase todos os presentes na reunião entenderam desde sempre, indo ao ponto de reconhecer, com base na experiência, que o estreitamento da relação com os actuais estudantes e suas instituições é indispensável à vida das Associações de Antigos Estudantes, pois aqueles só podem *"alimentá-las"* se as conhecerem e com elas mantiverem as melhores relações académicas.

A questão foi há pouco tempo suscitada pela solicitação feita às AAEC (na pessoa colectiva da de Coimbra) de fazerem parte do Conselho Editorial da Revista *"Porta Férrea"*, que terá o seguinte estatuto (em discussão):

*"Porta Férrea é uma revista trimestral da Associação Académica de Coimbra que visa reflectir e divulgar, com carácter de informação geral, a realidade da Universidade e da Academia nos planos científico, cultural e social.*

*Porta Férrea pretende ter*

*presença marcante junto daquelas que conhecem e se identificam com a Academia, enquanto espaço de vivências, aprendizagens e formação de cidadania.*

*Porta Férrea quer abrir-se à interacção da Academia de hoje com a Academia de sempre.*

*Porta Férrea busca compreender a Universidade como Instituição Universal que se projecta para lá das suas fronteiras físicas nas relações com a Cidade e com a Humanidade.*

*Porta Férrea defende a aproximação entre a Universidade, a Religião e o País, propondo-se, ao seu nível, ser uma oportunidade de diálogo e de ligação entre todos.*

*Porta Férrea não abdica dos princípios éticos e deontológicos dos jornalistas e assume-se como uma publicação independente em relação aos poderes políticos, académicos, económicos e social”,*

Será presidido pelo Professor Doutor Rui Alarcão e constituído por nomes como o Dr. Almeida Santos, o Professor Doutor Barbosa de Melo, o Dr. Jardim Gonçalves, ... ..

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra entende não dever separar o problema do “Sócio Extraordinário” do convite da Revista “Porta Férrea”, decidindo, no início, não fazer parte do referido Conselho; mas admitindo, posteriormente, aceder a representar as AAEC até à constituição

da Federação caso a AAC negocie um Protocolo onde se acorde que os sócios das AAEC passem a ter as mesmas regalias que os sócios extraordinários da AAC.

No final de ampla discussão, os presentes na reunião foram unânimes no sentido de não pretenderem inviabilizar a Revista, antes querem participar nela.

Para o efeito de saber mais pormenores, designadamente quanto às regalias a conceder aos Sócios das nossas Associações, foi deliberado, por unanimidade:

#### DELIBERAÇÃO

*“As Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra, reunidas em Lisboa em 11 de Março de 2000, deliberaram, por unanimidade, mandar a AAEC em Coimbra e a Dr.ª Fátima Lencastre, Presidente da AAEC em Lisboa, para que, em representação de todas as AAEC’s:*

*1 - Estabeleçam com a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra os contactos necessários, tendo em vista os moldes de participação na Revista “Porta Férrea” e as formas de articulação no sentido de enquadrar, com benefícios mútuos das partes, a figura de Sócio Extraordinário da AAC com a de Sócio das AAEC’s;*

*2 - Desenvolvam todos os esforços e iniciativas que permitam viabilizar e prestigiar a Revista “Porta Férrea”, como veículo importante de diálogo entre diferentes gerações de actuais e*

*antigos estudantes, enaltecendo Coimbra e as suas Academia e Universidade.”*

Quanto ao ponto 3 da Ordem de Trabalhos, houve unanimidade em considerar ponto assente a concretização da Federação das AAEC, por todos desejada.

Houve propostas no sentido de que o Projecto de Estatutos deverá conter apenas o essencial em artigos sucintos, ficando para Regulamento, a aprovar futuramente, a execução das respectivas disposições.

Por consenso de todos os presentes, foi deliberado confiar à Associação de Lisboa a elaboração do Projecto definitivo, com base no projecto que já apresentara, compatibilizando os princípios e regras contidos no projecto apresentado pela Associação do Porto, o qual será enviado a cada uma das Associações para análise e futura aprovação.

Será que a V Reunião se celebrará pela aprovação dos Estatutos da almejada Federação precisamente no Funchal, no limiar do novo Milénio?!

NOTA - O assunto versado no ponto 2 teve sequência numa reunião havida no passado dia 5 de Abril, em Coimbra, com um representante da Associação Académica de Coimbra, onde a nossa Presidente verificou estar-se ainda na 1ª fase das negociações para a adesão à Revista “Porta Férrea”, encontrand-se em discussão de um Protocolo com a AAEC em Coimbra, a tornar, depois, extensivo às outras Associações, se assim for por estas entendido conveniente.

# A Voz da Filantrópica

## 1 Actividades da Filantrópica

DIA 23 DE OUTUBRO DE 1999 - ALMOÇO OUTONAL - Realizámos na sede da A.F.A.P. um almoço a que compareceram 56 Sócios, com a cordialidade habitual. O serviço foi bom, conversou-se, cantou-se, brincou-se, numa palavra: CONVIVEU-SE.

De Outonal só o nome, pois no coração de todos era Primavera.

E assim será em reuniões futuras.

DIA DE REIS! O chá "Memória de Coimbra", o primeiro realizado na nossa Sede! O ambiente excedeu-se em intimismo e fraternidade. Estávamos em nossa casa: Viram-se diapositivos da Velha Coimbra, sempre viva em nós; comeu-se, cantou-se, riu-se.

A sala estava cheia e a generosidade dos presentes foi notável pois, não se cobrando bilhetes de entrada, todos davam o que queriam e o total apurado deu para pagar todas as despesas, incluindo a "baixela" que passa a constituir património da nossa Associação.

DIA 10 DE JANEIRO - Cedo rumámos à nossa amada Coimbra para assistir ali ao lançamento do livro do nosso Ângelo que, generosamente como sempre, ofereceu o lucro da venda dos livros à Casa da Infância do Dr. Elísio de Moura. Foi só "*Amor... Amor e Mais Nada*". É o timbre deste nosso amigo. Do evento sairá uma reportagem circunstanciada.

DIA 31 DE MARÇO - Chá da Primavera.

Mais um Convívio bem vivido e concorrido.

Se quiseres saber do calor destas nossas reuniões tão simples e tão amigas, comparece. Vai contando com a realização regular dos nossos chás.

Esperamos a tua colaboração para os animar. Traz uma história, uma cantiga, uma recordação que venha dar mais cor aos nossos convívios.

Vem sempre

*Maria Olga Reis*

## 2

A propósito das actividades que "a nossa Filantrópica" tem levado a cabo, sobretudo com o pensamento nos Colegas mais idosos, entendemos relembrar a velhinha Sociedade Filantrópico-Académica, cujos Estatutos foram aprovados por Decreto de 26 de Maio de 1852 e que nasceu para auxiliar os Estudantes que se deslocavam para Coimbra, tendo, por vezes, algumas carências de meios.

A Banca e algumas Fundações, com o apoio que dão agora aos Universitários, são, de certo modo, aquilo a que se propunha então a Sociedade Filantrópica e que pelos tempos fora sempre foi levando a cabo.

Já em 1849, a ideia germinava no pensamento de vários estudantes de Direito.

Porém, a sua concretização só veio a verificar-se em 18 de Março de 1850, depois de uma reunião nas instalações da Academia Dramática de Coimbra, da iniciativa de Feliciano Augusto de Brito Correia.

A beleza da ideia ia além do simples e material apoio financeiro. Assistia aos sócios nas suas doenças, como rezam os Estatutos: "*assistir com os socorros possíveis a estudantes e sócios enfermos, pagando as suas matrículas àqueles a quem, por falta de meios, não as puderam custear; prestar auxílio a estudantes de reconhecido talento sem meios monetários para prosseguir os estudos; acudir, segundo as suas possibilidades, às necessidades dos bacharéis formados, licenciados e doutores residentes em Coimbra quando caíssem em miséria, etc.*".

Foi o seu primeiro Presidente o Doutor Manuel António Coelho da Rocha, falecido em 1850 quando a Sociedade começava já a ter uma forma jurídica.

Teve naturalmente um percurso sujeito a algumas arbitrariedades, como a sua supressão aquando da Primeira República e posteriormente o seu restauro no tempo de Sidónio Pais que ordenou a devolução de todos os seus bens.

Funcionou primeiro na Rua Larga e depois no Edifício de S. Pedro.

O seu financiamento provinha das quotas dos associados, das receitas das récitas de despedida que eram levadas à Cena pelos quintanistas e contribuições de vária ordem.

Refira-se, como curiosidade, que personalidades, algumas das quais foram nossas conhecidas, como os doutores José Dias Ferreira, Eduardo Augusto Saldanha, José Alberto dos Reis e João Porto, foram subsidiadas e, mais tarde, restituíram à Sociedade todo o capital recebido com os respectivos juros.

*Maria Antónia*

(notas tiradas de "*Academia de Coimbra 1537-1990*" de Alberto Sousa Lamy)



### 3 Cofre da Filantrópica

Aqui estamos a prestar as nossas Contas.

O fundo da riqueza Filantrópica, reportado a 29 de Fevereiro, é 537.261\$00, dos quais 301.689\$30 estão aplicados no Fundo Caixa-Geste, 224.571\$70 se encontram à ordem e 11.000\$00 reservados como fundo de maneiço.

Como se verifica, embora em ritmo modesto, o monte vai crescendo paulatinamente.

Acresce que a Filantrópica realizou os primeiros investimentos: chávenas, colheres, bule e açucareiro, tudo para poder proporcionar a todos, com especial relevância para os menos jovens entre os quais me incluo, o prazer de Chás-Convívios.

Esta a razão pela qual o Saldo não subiu ainda mais.

Continua a contribuir para o crescimento do Saldo a extraordinária generosidade do nosso Colega Ângelo Araújo que prosseguiu a doação de exemplares do seu livro "Amor... Amor... e Mais Nada".

Também e posteriormente ao apuramento acima, foi a Filantrópica beneficiada com um generoso donativo de 100.000\$00 entregue por uma colega Sócia da nossa Associação, que solicitou anonimato, por ocasião do Jantar-Convívio na Valenciana efectuado em 5 de Maio último.

São estas as novas que reservamos para este número do "Capa & Batina", esperando que todos continuemos com entusiasmo a dar vida às iniciativas da nossa Associação no campo da Filantrópica.

*Braz dos Santos*

## In Memoriam...

### DEIXARAM-NOS...

... ultimamente, os nossos Colegas:

† Dr. Manuel Veríssimo da Silva, Sócio 796;

† Dr. Amaro Ferreira Baptista, Sócio 83;

† Dr. António Mendes de Almeida, Sócio 216;

† Dr. João Tavares Gomes, Sócio 580;

† Dr<sup>a</sup>. Maria Luisa Viterbo Branco Albuquerque,

Sócia 374;

*Paz às suas almas.*

## Noticiário

### I - JANTARES MENSAIS

Em força continuam os jantares na Valenciana na data já com raízes históricas - primeiras 6<sup>as</sup> feiras de cada mês.

Se não se realizaram em Março e Abril, foi por aquelas datas terem coincido com outras actividades. Realizou-se, no entanto, o jantar de Fevereiro, com elevado número de participantes. No último, em Maio, éramos setenta.

Foi com a maior alegria que todos confraternizaram. No final, tivemos, como já é tradição, uma Serenata de Coimbra, sempre que possível, ou a animação dos "espontâneos".



Aniversariantes de Outubro



Aniversariantes de Dezembro

### II - PASSAGEM DE ANO ESPECIAL

#### RÉVEILLON NO ALGARVE - 1999/2000

Na Circular 8/99 da nossa Associação, li que estava em organização a "PASSAGEM DE SÉCULO - de 30 de Dezembro a 2 de Janeiro", no Auramar (Aparthotel), em Albufeira.

Eu nem queria acreditar. Mais de um ano em comemorações, pelo preço indicado?! Inscrevi-me logo e, claro, nestas condições, até nem hesitei em inscrever também a minha carmetade, que aliás merecia bem mais do que eu. Até nasceu em Coimbra, vejamos lá ...

Só que ... nem me deram tempo de saborear tão opíparo negócio. Logo alguns amigos, que sabem navegar na Internet, meteram a água toda à minha frente e explicaram-me com toda a respectiva limpidez que aqueles festejos da "passagem de século" iam só de 30/12/99 a 2/1/2000, pois o século em curso terminava em 31/12/99. Eu, cá por mim, ainda não vou nessa, mas por pouco, pois estou quase a acreditar em tudo.

Paciência! Festejos são festejos e, mesmo assim, juntámo-nos no Auramar seis dezenas de antigos jovens estudantes de Coimbra. Uns, para a passagem do século. Eu, para o início do último ano do século. Seja, porém, como for, fica comigo a esperança de que, para o ano, nos juntemos todos de novo para celebrarmos a passagem do ... milénio!

Para já, a verdade é que, à hora certa, rebentou alegria. Foram beijos e abraços. Foi a ternura de desejar a todos os outros o que ansiamos para nós. Foi o eterno dançar de corações sem idade.

Mas não ficámos por aqui. Logo para primeiro dia do novo ano, a nossa Fátima (sim, essa, a presidente) ou já tinha ali pertinho uma casa ou comprou-a de propósito na véspera e resolveu presentear-nos também com uma doméstica merendita. Fartei-me de petiscar e ver petiscar e cansei-me de abrir garrafas de bons vinhos. Os estômagos ficaram saciados. Os corações saíram enternecidos.

Restava-nos regressar a Lisboa, após o pequeno-almoço do dia 2.

Mas ainda me aguardava uma comovente surpresa. Um antigo estudante de Coimbra, ali



presente, fazia anos precisamente nesse dia 2. E a Fátima, mais uma vez, não deixou passar o evento sem iluminar um bolinho, dar um beijo ao aniversariante e pôr todos a cantar os parabéns! Eu - porque fui eu o privilegiado - apenas consegui depositar-lhe duas lágrimas na face. Bem hajam, Fátima. Bem hajam todos.

Jamais esquecerei. Afinal, não perdi nada com o negócio!

Carlos Rocha

### III - VENDA DE NATAL



Aniversariante de Janeiro

Mais uma satisfação nos proporcionou o amplo Salão da nossa Sede: podermos organizar, pela primeira vez, uma venda bem recheada com as dádivas natalícias de muitos dos nossos Sócios. Uma experiência que esperamos seja mais frutuosa à medida que se vai tornando mais conhecida e participada.

### IV - ENCONTROS DOS MEXICANOS E DOS ISRAELITAS

No Instituto de Defesa Nacional, em 29 de Janeiro, de novo os viajantes do Verão visionaram os *vídeos*, desta vez do México e de Israel/Jordânia, exibiram as respectivas fotografias em profusão e qualidade, tendo colocado o Júri em apuros na selecção. Mas lá saíram os premiados:

1º e 2º prémios do México - arrematados pelo Hugo Taborda (de entre mais de mil belas fotografias).

1º prémio de Israel - Maria Helena Cunha;

2º prémio - Maria das Dores (da *Master Turismo*).



O Júri e os Premiados

## V - FESTA DO CARNAVAL

Para não variar - mas porque continua sendo preferência dos que privilegiam a música da "*Orquestra Lorenzo's Combo*" e os manjares que nos acompanham noite fora - repetiu-se no dia 13 de Março, no Hotel Penta, a animação de 104 dos mais foliões dos nossos Sócios e Amigos, sem faltar o tal "bolo" de brincadeira para os aniversariantes desse mês.

## VI - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- A Associação Académica de Coimbra (Secção de Fado) continua no propósito de fazer participar a nossa Presidente nos seus FESTUNA (o IX), em Outubro de 1999, com o concurso de várias Tunas Académicas de Portugal e Espanha.

- A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto festejou o seu 6º Aniversário no dia 4 de Dezembro, desta vez na "Casa do Médico", com uma Exposição de "*Testemunhos da Vida Académica*", um Simpósio sobre "*Coimbra nos últimos 50 anos*", um óptimo jantar e um "*Sarau Artístico*" com uma curiosa e única Orquestra de Sinos, poesia, magia e Serenata de Coimbra.

- O Magnífico Reitor da nossa Universidade convidou-nos para o almoço comemorativo do Aniversário da Universidade, que se realizou no dia 1 de Março, no restaurante universitário do Polo II.

- A Associação Académica de Coimbra (Secção de Fado) solicitou a nossa colaboração na organização dos espectáculos que, em Lisboa, integraram "O III Mês do Fado" e que tiveram lugar nos dias 23 e 30 de Março na "*Casa de Fado e da Guitarra Portuguesa*", com o Grupo "*Saudades de Coimbra*".

- A Câmara Municipal de Cascais convidou-nos a assistir à inauguração do auditório do Centro Cultural de Cascais (antiga "*Gandarinas*") no dia 24 de Maio, em que o nosso Carlos Carranca disse e cantou poesia para todos, sob o tema da Saudade (de Camões a Garret; de Antero a António Nobre, de Pascoaes a Nemésio, de Cortesão a Afonso Duarte, de Régio a Manuel Alegre), acompanhado à viola pelo (também nosso) Durval Moreirinhas, ao piano pelo mestre Jorge Machado e ao violino pelo Professor José Machado.



Carlos Carranca em pleno

- A Casa da Académica em Lisboa convidou-nos para o seu jantar de Gala e Espectáculo "*Coimbra Encanta Lisboa*", no dia 24 de Maio, no Casino Estoril, onde Coimbra esteve representada pela "*Fanfarrã Académica de Coimbra*", pelo grupo jovem "*Alma Mater*", que acompanhou, também, o Luiz Goes e o Arménio Marques dos Santos, e pelo Grupo "*Serenata de Coimbra*" (de surpresa), com o Alexandre Bateiras e o Francisco de Vasconcelos à guitarra, o João Gomes e o Rodrigues Pereira à viola, que acompanharam o Barros Ferreira, o Tito e o Camacho.

- O Centro Cultural Regional de Santarém convidou-nos a participar na Homenagem ao Dr. José Amaral, que promoveu nos dias 26 e 27 de Maio, tendo o Fado de Coimbra estado presente com os Grupos "*Serenata de Coimbra*" (com as guitarras de Alexandre Bateiras e Francisco de Vasconcelos e a viola de João Gomes, com as vozes do Tito, Zé Dias, Alcindo Costa e Camacho) e o "*Porta Férrea*" (com as guitarras do Carlos Couceiro e Teotónio Xavier e as violas do Durval Moreirinhas e António Toscano e as vozes de Arménio Marques dos Santos e Rodrigues Rocha).

# Se não sabias, Ficas a saber que ...

- Deram entrada na Biblioteca três peças de Teatro que, pela sua antiguidade e conotação com factos da História da Academia de Coimbra, me levaram a fazer-lhes uma referência especial. As obras são:
  - Auto da "Sebenta" - "Farça em verso, 1899, Afonso Lopes Vieira, Coimbra, Edição da Comissão Académica do Centenário".
  - Auto do Grau - "Farça em verso, 1905, António Gomes da Silva, Coimbra, Edição da Comissão Executiva das Festas do Enterro do Grau".
  - Scena Antiga - "1905, Carlos Amaro, Edição da Comissão Executiva das Festas do "Enterro do Grau".
- Enriqueceram a Biblioteca com livros e outra documentação os Sócios:
  - Almeida d'Eça, Gualter Marques, Teresa Leónidas, Teixeira Botelho, Moura Coutinho, Isabel Alexandre, Graciete Cartaxo, João Quintela, Maria Fernanda Ricardo, Fernanda Esteves, José Belo (em nome do Núcleo dos Veteranos da A.A.C.), Queiroga Chaves e a nossa Amiga Magda Sarabanesco.
 Também para o nosso "nascituro" Bar contribuíram com dádivas várias os Sócios:
  - Dulce Quintela, Maria Eugénia Ramos Gomes, Graciete Cartaxo, Maria Antónia Dionísio.
 Para a decoração da nossa Sede são de realçar os contributos de:
  - Maria do Céu Santos, Graciete Cartaxo e Maria do Carmo Videira.
 Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário, não foram nomeados.
- A nóvel Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra do Alto Mondego vai comemorar o seu 1º Aniversário no próximo dia 24 de Junho em Gouveia, com a presença do nosso Magnífico Reitor e um Programa bem recheado de alimento para o espírito e para o corpo ... pelo preço simbólico de 3.500\$00 por pessoa. Se queres associar-te, o telefone é : 238 498 025 e o Fax é: 238 498 029
- Renasceu o nosso Grupo Coral *ad hoc*, que se propõe gozar da melhor saúde para consolo de todos nós.
- Irá nascer brevemente uma aula de Ginástica de Manutenção (a aconselhável ...), a ter lugar no nosso Salão, em condições a anunciar oportunamente.
- As "turmas" do Bridge primam por uma assiduidade garantia de sucesso (desportivo) para qualquer Governo.

## NOTAS:

- 1 - **Os donativos para a SEDE** atingiram, até aqui (em Maio), o montante de 6.600 contos. Quando vem o 2º "reforço"? Não esquecer que os donativos para a SEDE são passíveis de dedução no respectivo IRS, dado que a nossa Associação é uma Instituição de Utilidade Pública. Vamos emitindo as competentes Declarações para este ano...
- 2 - Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...) Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!

## CAPA E BATINA

**DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO**  
**ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA**  
 INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA  
 RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1º • 1000-046 LISBOA  
 TELEF 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08  
 PERIODICIDADE: SEMESTRAL • TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES  
 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO